ARTE & NATUREZA

POÉTICAS E PEDAGOGIAS DA MÃE TERRA

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Extensão - PROEX

ARTE E NATUREZA

Pedagogias da mãe terra

Alessandra Baldissarelli Bremm
Alexandre Valentim Fonseca
Alícia Cohim
Anna Moraes
Aurora Caballero
Bárbara Serafim
Beth Nogueira
Bruno O.
Caio Alves
Carine Caz
Carinne Lira
Cecília Cipriano
Carlies Pamies
Cláudia Mariza Mattos Brandão
Cláudio Azevedo
Coletivo Inço (Audrian Cassanelli e Diana Chiodelli)
Daiane Lazara Prado
Edson Macalini
Eduardo Baltazar
Evandro Carlos Nicolau
Felipe Vernizzi
Fernada de Abreu
Flora Schneider
Francisco Aurélio
Gabrieli dos Santos da Silveira
Grupo de Pesquisa de Poéticas e Educação em Dança - Nucleo CRI(s)ES
Guilherme Susin Sirtoli
Hyunjung Park
Ingrid Costa
Jardins Viventes
(Carla Magna, Núria Manresa, Elisa Marques, Luiza de Paula, Sarah Terra)
Juana Sabina Ortega
Lara Buffard
Li Vasc
Lírio (João Victor Concer)
Luciana Benetti Marques Valio
Luísa Prestes
Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues
Marco Miranda
Marija Dejanović
Maryella Sobrinho
Mônica Lóss
Monique Allain
Nelia Lucia Fonseca
Rachel Aline Hidalgo Munhoz
Rosana Tagliari Bortolin
Sandrine Deumier
Sandro Drumond
Sara de Melo
Sérgio Helle
Steph Lotus
Victor Tozarin
Virna Bemvenuto
XuanLin Wang

ARTISTAS

ARTE E NATUREZA

Pedagogias da mãe terra

FICHA TÉCNICA

Curadoria e organização
Gabriela Canale Miola e Priscila Costa Oliveira

Montagem expográfica digital
Gabriela Canale Miola

Catálogo
Priscila Costa Oliveira

Agradecimentos
a cada membro e parceiro do projeto de pesquisa em que brotou essa exposição: Aline Letícia (Zanira), Ana Pansera, Angelene Lazzareti, Carinne Lira, Ingrid Costa, João da Silva, Lucas Gauchinho, Murilo Xavier, Miguel Rudas, Mauricio Olaya e Thiago Daltin

Realização
Pró-reitoria de extensão da UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Extensão - PROEX

ARTE E NATUREZA:
POÉTICAS E PEDAGOGIAS DA MÃE TERRA

A exposição é formada por práticas, investigações e experimentações de artistas de diferentes partes do planeta que buscam elaborar tensões e conciliações com a natureza. Os trabalhos também nos convidam a refletir e habitar nossa casa, nossa mãe, nossa terra.

Os trabalhos selecionados respeitam os Direitos Humanos e os Direitos da Natureza. Estão reunidos propondo a dissolução da hierarquia entre seres vivos, indicando formas alternativas de vivências e sociabilidade. Algumas obras abrem espaço para sensibilidades que vem sendo soterradas pelo desenvolvimentismo a qualquer preço – causa basilar do ecocídio em curso e das mudanças climáticas que se aceleram no planeta.

A essas marcas, e tantas outras, alguns pesquisadores têm dado o nome de Antropoceno, Plantationceno, Cthulhuceno, Capitoloceno ou Petroloceno. Cada termo determina um período e uma causa central, todos se referem às consequências desastrosas do modelo recente de ocupação da espécie humana que violenta os ecossistemas.

No conjunto de trabalhos podemos acompanhar como o contexto macro (global) está conectado às experiências subjetivas dos artistas em suas micro realidades (local). Assim, os artistas produzem imaginários, sensibilidades e práticas em diferentes linguagens, expandindo as possibilidades de transformação social, ambiental e política, reafirmando que a prática artística é também uma prática educativa (contra pedagógica).

Os processos e procedimentos dos artistas adentram os campos da literatura, meio ambiente, ciências sociais, ativismo, entre outros. São registros, códigos e táticas discursivas variadas que, reunidas, criam uma fissura na monocultura mental e afetiva do projeto moderno ocidental.

Que este seja um lugar propício para conversas que nos levem a possibilidades de novos mundos e novas formas éticas de interação entre os seres.

Que brotem novas florestas de saberes e fazeres.

Gabriela Canale Miola e Priscila Costa Oliveira

*As biografias e as descrições dos trabalhos são de autoria de cada artista. Optamos por mantê-los integralmente e nos seus idiomas de origem.

ALESSANDRA BALDISSARELLI BREMM

Nascida em Caxias do Sul- RS, sempre se interessou pela interseção dos campos da arte, natureza e educação. É mestre em Arte Contemporânea pela Universidade de Leiden - Holanda (2019), mestre em Educação pela UFRGS (2017) e licenciada em Artes Visuais pela UCS (2011). Atuou como Arte educadora na Rede Pública de ensino, e também como mediadora e produtora de exposições em instituições culturais no Brasil e na Holanda. Artista visual desde 2010, participou de diversas exposições coletivas, sempre em busca de expandir o 'si' olhando para o 'nós'. Integrante do ARTEVERSA - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência (UFRGS/CNPq).

BORDANDO OUTRAS MUDAS, CULTIVANDO OUTRAS BORDAS

Alessandra Baldissarelli Bremm

BORDANDO OUTRAS MUDAS, CULTIVANDO OUTRAS BORDAS

“bordando outras mudas, cultivando outras bordas” é uma intervenção artística realizada no contexto da pesquisa de mestrado intitulada “Habitar a escola: minúcias de encontros entre arte e educação". A partir da realização de uma residência artística em uma escola básica da rede pública de Porto Alegre – RS, a experiência do bordado no viveiro de mudas da escola permitiu tensionar, de modo artístico, questões relacionadas ao cotidiano escolar e sua relação com os alunos e a comunidade. A arte permeou a investigação em sentido expandido, como postura diante da vida, onde o bordado de plantas se tornou outro espaço/tempo. Os encontros no viveiro fizeram emergir questões relacionadas às minúcias da escola, entendidas, aqui, como potências para pensá-la nas seguintes linhas de força: a escola como espaço de alteridade, no(s) outro(s) como estrangeiro(s) e os tempos e os espaços escolares em relação aos tempos da arte. Também buscou-se operar na potência dos entremeios, produzindo fissuras entre as fronteiras que delimitam o que é considerado arte e o que é considerado educação. Durante o bordar, a escola era pensada como potência de criação em sua multiplicidade de práticas, sem o intuito de realizar diagnósticos ou prescrições. O caráter de troca permeou todo o cultivo artístico dessas mudas e plantas bordadas, em que o próprio lugar da pesquisadora&professora&artista esteve em constante movimento, possibilitando afirmar a potência dos espaços “entre” para além de delimitações. No entrecruzamento dessas experiências, afirma-se a potência da arte como um outro tempo e espaço para pensar as relações entre arte, natureza e educação no mundo contemporâneo.

ALEXANDRE VALENTIM

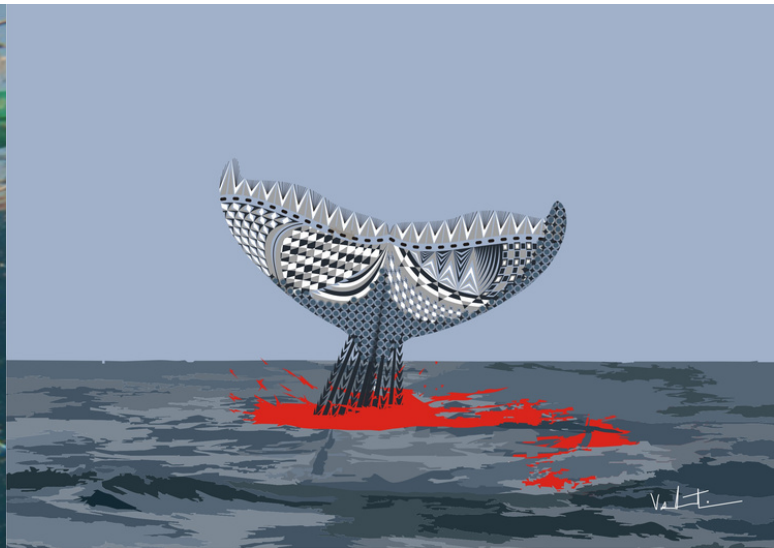
Nascido em Cabo Frio, Rio de Janeiro, Brasil. Formado em Educação Artística (Habilitação em Artes Visuais) e Designer Gráfico, com pós-graduação em Multimídia pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisa os elementos gráficos semióticos da cultura popular brasileira (pinturas indígenas, cerâmica Marajoara, literatura de cordel, folclores, fauna e flora, arquitetura...) e utiliza a técnica do Design de Superfície (padronagens artísticas) na criação de projetos visuais.

RESÍDUOS SÓLIDOS

Alexandre Valentim

RESÍDUOS SÓLIDOS

Na série “Resíduos Sólidos”, Alexandre Valentim utiliza sua arte (Colagem Digital e Design de Superfície) para, de forma lúdica, chamar a atenção da sociedade para a importância da preservação do nosso meio ambiente e das consequências das mudanças climáticas que irão afetar a todos, indiscriminadamente.
Por um planeta Justo, Limpo, Saudável e Fraterno!



ALÍCIA COHIM

Autorretratista desde seus primeiros contatos com a câmera fotográfica, Alícia Cohim (Recife, PE) incorpora a natureza de forma constante em sua produção autoral. Para isso, busca utilizar da linguagem visual a fim de interpretar relações que formam o elo ser humano-natureza, fazendo uso de elementos encontrados na literatura e nos contos de fadas, na cultura popular e no histórico de seca, pasto e vegetação do Nordeste do Brasil e em seu próprio conjunto de memórias particulares.

AGNUS DEI

Alícia Cohim

AGNUS DEI

quando, ao longe, avistar a fortaleza branca da carcaça do boi de um, dois, três meses atrás, lembra que: ao colocar seu crânio em mãos, está segurando o zumbido das matas, o calor dos pastos, a secura do mato, o sabor da carniça, a lonjura do tempo e a maresia da seca. segura a história de antigas civilizações e de um vaidoso presente onde, para além da poesia, antes de carcaça, era dinheiro. mas há quem acredite num oratório em plena mata onde, em ritual, eleva-se as cavidades bem limpas pelos carcarás, os dentes soltos, os chifres quebrados e lembra-se: um dia nasceu da terra este ser, com sujidades do chão, para então à terra retornar.

ANNA MORAES

Anna Moraes (1988) é artista visual, doutoranda em artes visuais/ Processos Artísticos Contemporâneos pelo PPGAV/UDESC (2020-). Pesquisa diferentes entendimentos acerca do desenho contemporâneo, a relação com o espaço em diferentes linguagens. Seu processo artístico é baseado na investigação de possibilidades de desenho por meio de linhas, traços, fios, territórios, geralmente respondem à localização e interagem com a paisagem.
Vencedora em 2020 e finalista em 2019 e 2020 do Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea/SC, participou da Bienal Internacional de Curitiba/2019, recebeu Prêmio do Júri no Salão da Quarentena/2020 e foi selecionada em editais como Arte Londrina, Arte como Respiro Itaú Cultural e Salão Tridimensional de Navegantes/SC.
Participa do Nacasa coletivo artístico, situado em Florianópolis, na gestão e curadoria da Galeria Nacasa. Também realiza trabalhos de curadoria, selecionados em editais em Santa Catarina. Desde 2013 ministra o curso "Desenho Artístico" em seu ateliê. Professora de História da Arte Brasileira na Escola Livre de Artes em Florianópolis.

MICROPAISAGEM
NEBLINA

Objeto Artístico. Papel, acrílico e madeira. 7x5x2cm cada. 2020

Anna Moraes

MICROPAISAGEM
NEBLINA

Micropaisagens Neblina é uma série de caixinhas transparentes com recortes no formato de montanhas de papeis com leve transparência. Dispostas lados a lado em prateleira de madeira, se configuram como tentativa poética de apreender a paisagem habitada em uma caixa, visualizada pela janela do apartamento ao longo do isolamento social. Longe de se encerrar dentro de uma moldura, as micropaisagens transbordam as bordas repetindo-se em possibilidades de se reinscrever em uma paisagem inventada. A cor branca foi escolhida como forma de marcar a chegada do inverno, e em seguida a chegada das neblinas de queimadas do pantanal brasileiro."

AUDRIAN CASSANELLI

Audrian Cassanelli é Natural de Xanxerê-SC. Mestrando na linha de pesquisa Arte e Tecnologia pela Universidade Federal de Santa Maria, Graduado em Artes Visuais pela UNOCHAPECÓ. Atua como Professor-artista desde 2011, sua pesquisa aborda autorretrato fotográfico, interior e educação especial. Membro do Coletivo Inço. Participou de exposições em diversos estados do país. Destaca-se a participação no Edital Nacional - ArteSesc Confluências (2015), Bienal Internacional de Curitiba-Polo SC (2017) e IV Bienal do Sertão de Artes Visuais (2019).

SERES IMAGINÁRIOS DE APARTAMENTO

Fotografias Digitais | Fotomontagens | Dimensões Variadas | 2017-2018

Audrian Cassanelli

SERES IMAGINÁRIOS DE APARTAMENTO

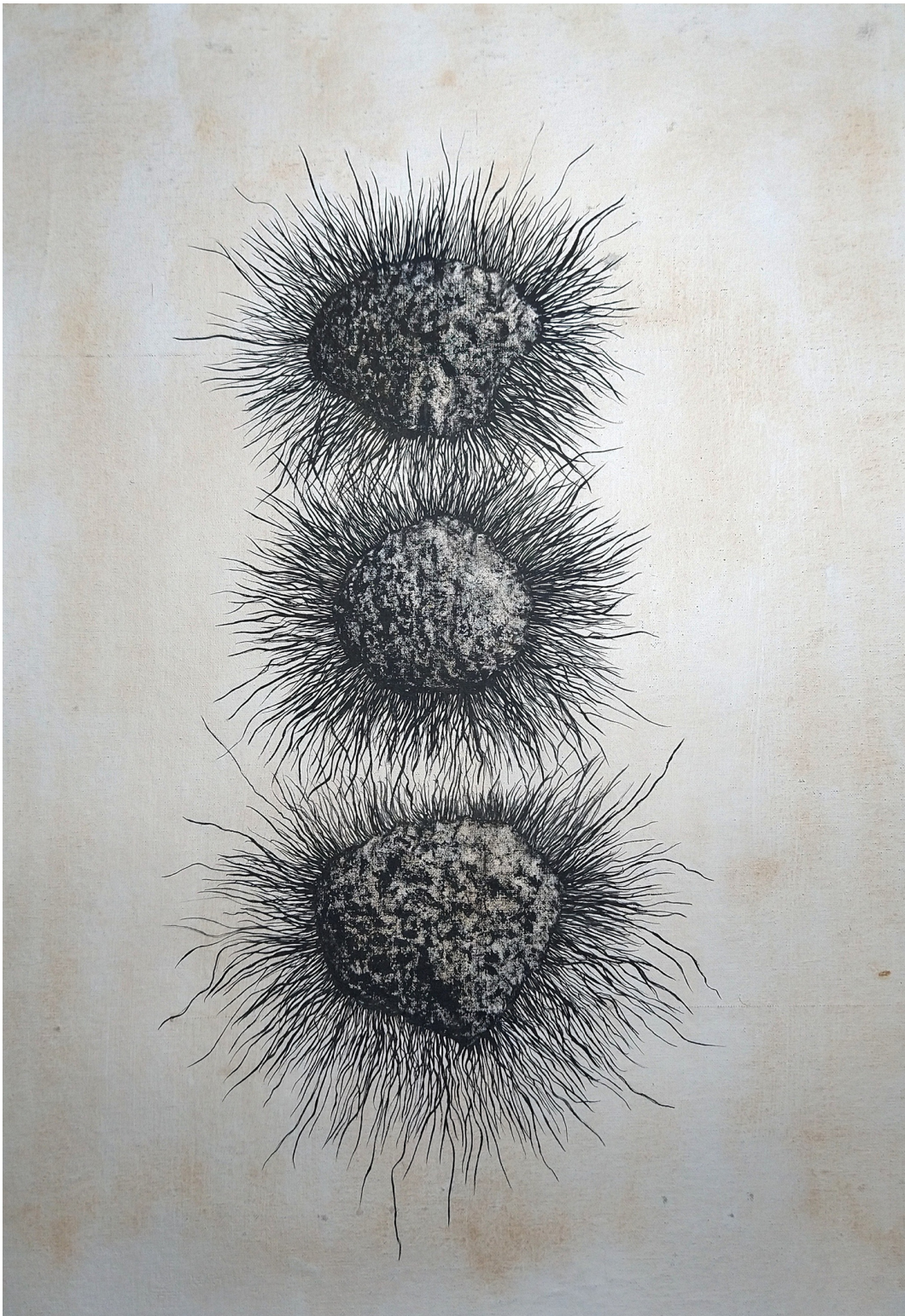
Seres imaginários de Apartamento através do autorretrato fotográfico busca verificar as possíveis relações das plantas com o corpo do artista, suas resistências e hibridação, a fim de criar um corpo em metamorfose, ora frágil como plantas a brotar, ora imponentes deuses. Usando seu corpo como suporte, Audrian mostra algumas das configurações que um corpo pode assumir. O trabalho entrelaça processos de pré e pós-produção: desde a coleta das plantas, que por vezes são digitalizadas e ora viram matéria prima para a caracterização do corpo do artista, criando uma armadura vegetal. Passando pelo registro em fotografia dos atos performáticos, até a manipulação digital das imagens capturadas, seja por espelhamentos ou por adição de camadas de imagens. Olhar sobre as relações entre humano e vegetal.

AURORA CABALLERO

Aurora Caballero utiliza pintura, escultura e vídeo para investigar temas como as formas e padrões da natureza, gabinetes de curiosidades, coleções, fósseis e a existência de mundos paralelos. Nasceu e vive em João Pessoa, Paraíba.

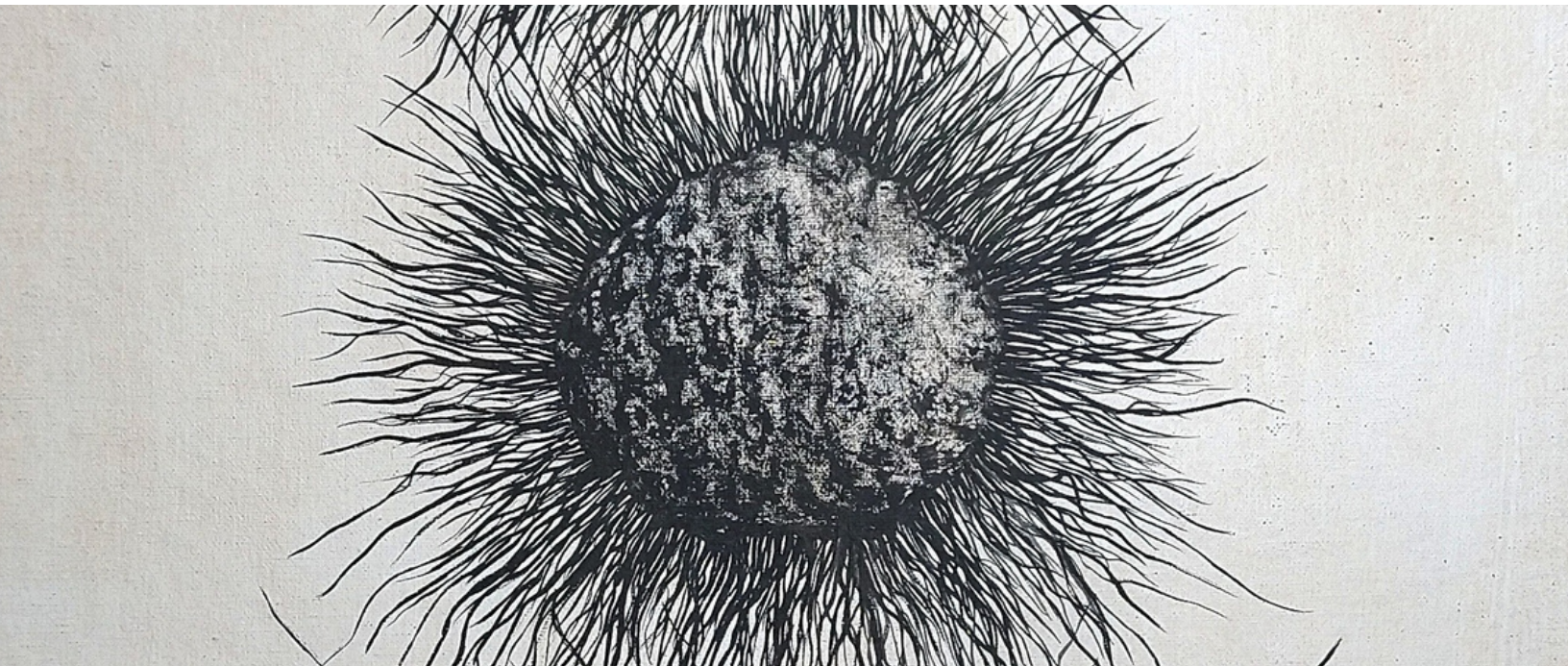
FORMAS
DA NATUREZA

Aurora Caballero



FORMAS
DA NATUREZA

O método científico contemporâneo se estabeleceu através de iniciativas hegemônicas de produção de conhecimento, e se encontra em tal situação limite com o meio ambiente que é urgente repensar essa relação. A série de pinturas aqui apresentadas é constituída de criações e recriações de estruturas, seres e padrões da natureza observados por mim em trilhas e caminhadas. Os elementos que compõem as pequenas coleções de cada obra não são representação dos seres vivos e ecossistemas já conhecidos pelo homem. São, na verdade, combinações de elementos - padrões de espécies de plantas, ossos, raízes, pedras - que produzem seres híbridos. Trata-se, portanto, de uma natureza inventada a partir do que conhecemos, um conjunto de novas possibilidades de sistemas vivos e não vivos.
Partindo dessas associações de elementos, busco a percepção de outras formas de se analisar a natureza que permitam o mistério e a dúvida, bem como outras perspectivas sobre o meio ambiente que não estejam limitadas pela ciência mecanicista. Uma tentativa de atribuir subjetividade, intuição e fantasia ao ponto de vista do observador, que está culturalmente influenciado para identificar a ciência como verdade inquestionável e a natureza como recurso a ser classificado, categorizado e dominado.



BÁRBARA SERAFIM

Me chamo Bárbara Serafim, tenho 28 anos e morei essencialmente a vida toda em Guarulhos (SP) e atualmente trabalho e resido também em Itapeva (MG). Arquiteta e Urbanista de formação, posteriormente enveredei brevemente pelo campo da curadoria de arte contemporânea.

A partir do desejo de me aproximar e aprofundar na relação com Arte, passei a me debruçar nas práticas artísticas e pesquisas de forma autoral, encontrando através da experienciação um campo fértil de possibilidades onde posso observar - e criar - conexões entre inquietações que me atravessam.

Meus mais atuais campos de pesquisa poderiam ser definidos pela tríade entre Corpo e(m) Movimento, Escrita e Artes Visuais.

Ø03

Bárbara Serafim

Ø03

Um corpo de uma mulher cis munida de um regador azul.
Caminho circular, desenho fluindo forma.
Uma prece, um rito.

E a ousadia de criar, mesmo na secura da terra, um relevo feito d’água.

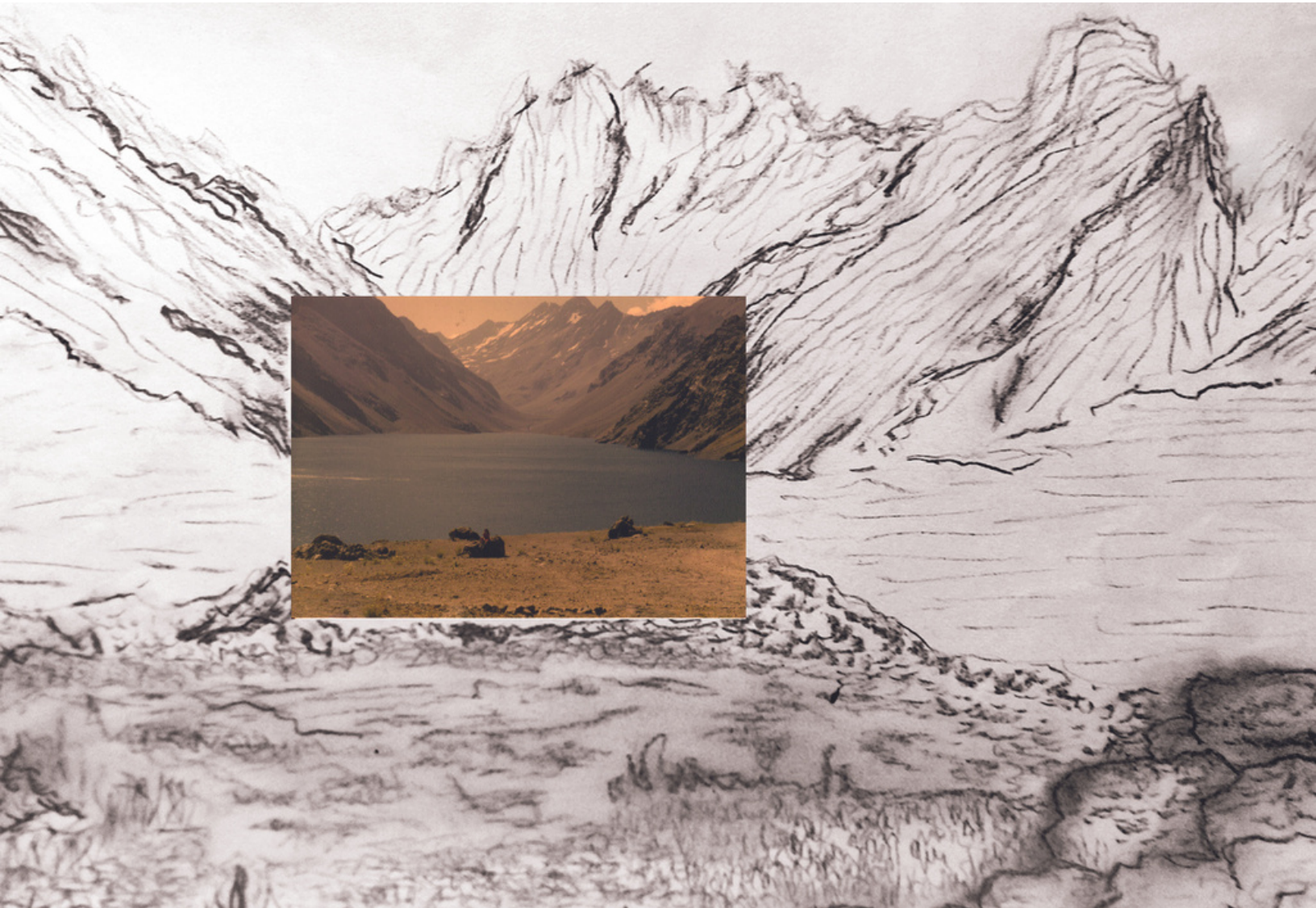
BETH NOGUEIRA

Beth Nogueira é atriz e desenhista. Participa das oficinas de teatro do DAC-UFSC desde 2015. Nas artes visuais, vem atuando na linguagem do desenho, investigando e recriando paisagens afetivas retidas na memória. Participou de exposições, em Florianópolis (SC), chamadas de artes postal.

PAISAGENS CONTINUADAS

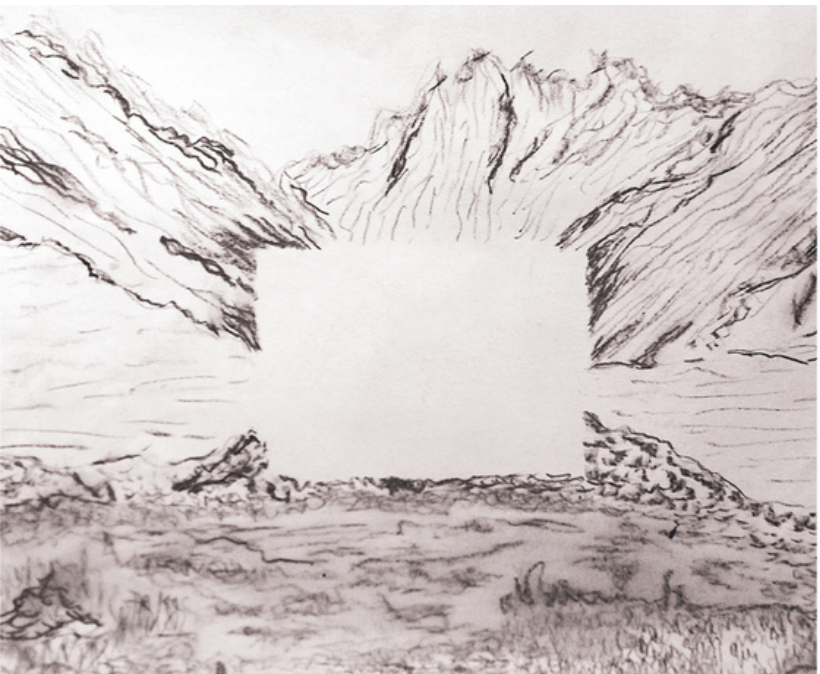
Desenho e fotografia s/ papel. 20x40cm. 2019

Beth Nogueira



PAISAGENS CONTINUADAS

Este trabalho faz parte de uma série de desenhos inspirados em fotos de viagens. São paisagens guardadas na memória e que não se sabe se permanecem preservadas. A partir das fotos são desenhados os entornos e depois são deslocadas deixando vazios, como frestas, entre-lugares.



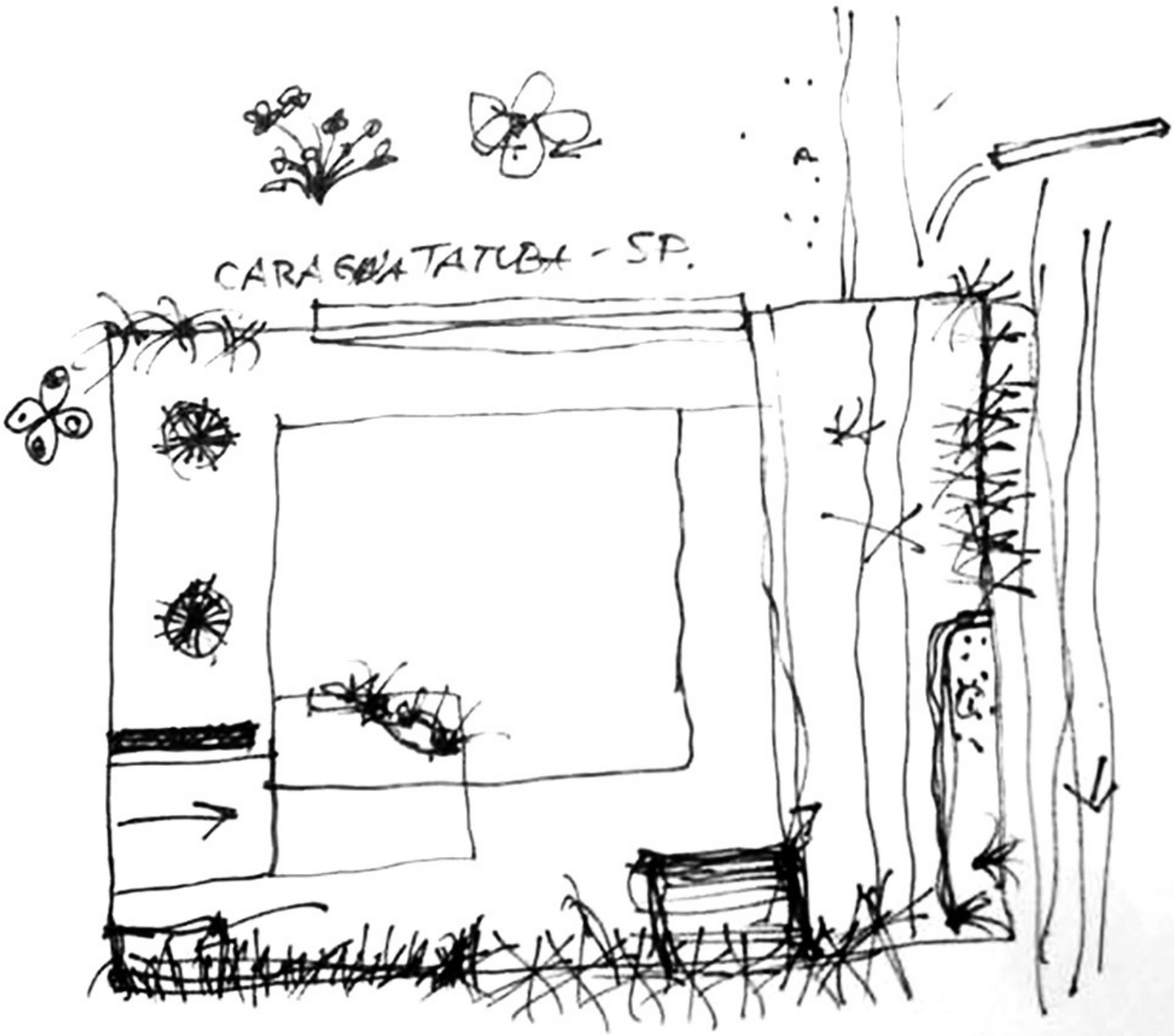
BRUNO O.
E VICTOR TOZARIN

Bruno O. é educador e artista visual. Doutorando em Artes Visuais pela UFMG, atua também na programação da Casa 1 (São Paulo/SP), um espaço de acolhida para jovens LGBT expulsos de casa e um centro cultural, e no JAMAC (Jardim Miriam Arte Clube), um ateliê de artes visuais e cidadania na zona sul de São Paulo.

Victor Tozarin é diretor de arte, arquiteto e artista visual. Investiga a expressividade, identidade e memória dos materiais em seus projetos audiovisuais, de design e fotografia.

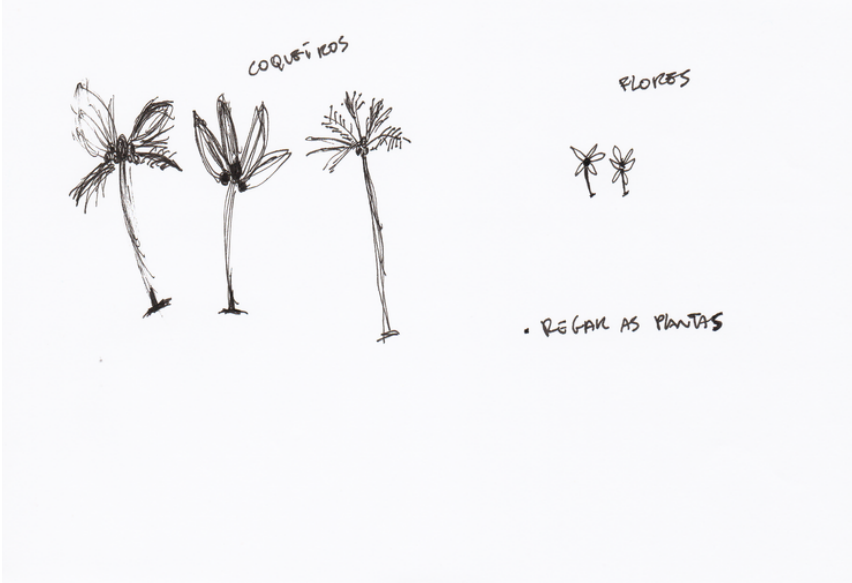
JARDINS RECORDADOS

Bruno O. e Victor Tozarin



JARDINS RECORDADOS

jardins recordados é um exercício de registro de paisagens de memória. que sorte de experiências podem ser construídas a partir da lembrança de um jardim de outros tempos e espaços? quais as dimensões dos matos que se tem sobre o holofote da memória?



CAIO ALVES

Preto, nordestino, jornalista, artista visual e fotógrafo. Natural de Juazeiro/BA e atualmente morando em Petrolina/PE – duas cidades que unem-se pelas águas do Rio São Francisco.

AUTOCAIO

Caio Alves

AUTOCAIO

Realizo autorretratos como uma forma de me conhecer, liberar meus sentimentos, aprimorar algumas técnicas fotográficas, sentir momentos de liberdade e de romper com padrões.

VIRNA BEMVENUTO
CECÍLIA CIPRIANO
CARINE CAZ

Virna Bemvenuto (Rio de Janeiro, 1994) é artista multimeios, arteducadora, professora na educação básica. Uma propositora de experiências que vivencia a prática artística e poeticoeducativa como gesto relacional a tramar encontros de seres e saberes. Por meio da performance, de procedimentos escultóricos, vídeo, escrita e desenho, seus processos poéticos se movem interessados nas matérias e suas agências em relação aos corpos, na produção de presenças e afetividades. Tem investigado as fissuras como possibilidade de abertura à escuta sensível do mundo.
Idealizadora e propositora das Práticas de Labirinto, propondo de modo independente e na Divisão de Cultura (PR7/UFRJ) no Programa Esporte, Cultura e Lazer (2019-2020), integra o projeto O Corpo nas Artes Visuais no Colégio de Aplicação/UFRJ e FRESTAS: Formação e Ressignificação do Educador - Saberes, Troca, Arte e Sentidos/ UNIRIO. É artista-colaboradora no Projeto Desenhança. Com formação em Artes Plásticas/Licenciatura pela EBA/UFRJ e Artes Integradas na Educação pelo Instituto Tear (RJ). Dentre as exposições, destacam-se Poéticas Femininas da Periferia - Artistas Latinas - Paço Imperial/RJ (2021), Bienal da EBA - Parque Lage (2021), Arte como respiro, Itaú Cultural (2020), Quero meu corpo de volta, Palácio Rio Negro - Petrópolis/RJ - (2019), LAVRA - Mostra de Performance, Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica - Rio de Janeiro/RJ (2019). Em 2020 teve a videoperformance Sobrevidas: Segunda Anestesia contemplada pelo prêmio Funarte RespiArte.

Carine Caz (Rio de Janeiro/RJ, 1994) é artista maga. Estuda na Escola de Belas Artes/UFRJ e na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Atua no campo das linguagens visuais e pratica o poder terapêutico dos cristais, compreendendo suas criações artísticas como ativações de cura e magia. Em sua pesquisa teórico-prática localizada entre os espaços público e doméstico investiga os padrões limitantes conectados a sua ancestralidade feminina. Co-cria o projeto Mina Preciosa (2016) em prol dos feminismos através de práticas artísticas coletivas e integra o Grupo Arte: Ecologias (GAE/UFRJ). Dentre suas exposições, destacam-se: "Forte" sua individual no LABPROA252/RJ (2019) e as coletivas ""Área Interditada"" no Centro Cultural da Light/RJ (2020), ""INGÁJÁ"" no Museu do Ingá/RJ (2019), ""Corpo Escultural"" e ""Vazantes"" no Centro Cultural Justiça Federal/RJ (2018).

Cecilia Cipriano é artista visual, sua pesquisa se desenvolve no espaço urbano onde consegue infiltrar-se e viver os meandros e a estranheza do seu cotidiano. Produz práticas com enfoque poético para criar pontes e pensar questões que contribuam na criação de forças de combate de infinitas lutas, que podem variar desde a luta contra o imobilismo às retóricas do mundo contemporâneo. Sua trajetória artística passou por uma carreira universitária como Professora e Pesquisadora do Instituto de Química da UFRJ. A aproximação mais efetiva com as artes se deu na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e depois como aluna no curso de graduação em Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ. Dentre suas exposições, destacam-se: O Corte, Casa Carioca, Museu de Arte do Rio/MAR, 2020 (projeto contemplado pelo Programa Rumos Itaú Cultural, 2015; BreveMente, Oficinas do Convento de São Francisco em Montemor-O-Novo, Portugal, 2018; Junho de 2013-5 anos depois, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2018; Turbulências, Centro Cultural Municipal Parque das Ruinas/RJ; Somos todos Iguais?, Centro Cultural da Justiça Federal/RJ, em 2018; Apelo ao Sal, CMRJ/Palácio Pedro Ernesto, 2018.(https://ceciliacipriano.wordpress.com)

BARRIGA DO MISTÉRIO

Virna Bemvenuto
Cecília Cipriano
Carine Caz

BARRIGA
DO MISTÉRIO

Barriga do Mistério (2020) é uma videoarte que relaciona fotoperformance e som. Propõe uma experiência visual e sonora no cruzamento entre imagem e poema, provocando o olhar para o encontro entre corpo e natureza, a partir das dimensões materiais e simbólicas do barro. O poema Barriga do Mistério (Virna Bemvenuto, 2020), que dá título à obra, é fruto de um processo de escrita derivado da experiência performativa imersiva com a topologia do barranco: um acontecimento geopoético no corpo-a-corpo com o mundo.
A linguagem forjada no contato pelo tocar, roçar, rolar, rastejar, pendurar, deslizar enuncia devires de um corpo outro: corpo-barro, corpo-floresta, corpo-bicho, intensificando as forças daquilo que não se deixa domesticar. No campo da visualidade do vídeo, tal linguagem se materializa por imagens que criam zonas de confluência entre corpo humano e natureza. Desse modo, na contramão de uma cultura opressora que subalterniza e violenta corpos femininos, tais gestos reúnem em seus signos uma constelação de saberes praticados por mulheres de matrizes culturais originárias, do mito ao rito, que atravessam o tempo refutando qualquer linearidade que tente hierarquizar passado, presente e futuro. Abre-se, assim, espaço para a coexistência das mais diversas temporalidades no aqui e no agora, evocando a ancestralidade que nos constitui.

CARINNE LIRA

Carinne Lira, é paraibana de nascença e carioca de criação, transita entre Rio de Janeiro, Rj e Foz do Iguaçu, PR. Mulher periférica, feminista, artista-pesquisadora. Investiga as relações entre arte, natureza e ancestralidade, por uma cosmovisão decolonial, desde o íntimo. Experimentando uma escuta sensível que implica o horizonte do ser, na busca tanto de si e suas múltiplas formas, como de outres. Por meio das linguagens da fotografia, da colagem e da fotoperfomance, manifesta-se seu acontecer poético.
Estudante de Letras, Artes e Mediação Cultural na Universidade Federal da Integração Latino-americana - UNILA, foi pesquisadora no Projeto 'Arte e Natureza: Poéticas e Pedagogias da Mãe Terra', na mesma instituição.
Em 2021 teve como formação artística a mentoria "Poéticas Femininas na Periferia", realizado pelo Artistas Latinas, RJ. Dentre as exposições que integrou, destacam-se: a "Panorama das Artes Visuais da Bacia do Paraná 3" - 2019/2020, virtualmente pelo Arroba Galeria na exposição "Raízes" - 2020 e Terra Presente Ausente. Em 2021 participou do "Festival en Mi Balcón" - Buenos Aires, AR e da mostra "Poéticas Femininas na Periferia" no Paço Imperial - RJ.

OSCARINA, DA SÉRIE RAÍZES: ONDE ENSAIO MINHAS FIRMEZAS

Carinne Lira

OSCARINA, DA SÉRIE RAÍZES: ONDE ENSAIO MINHAS FIRMEZAS

A série “Raízes: onde ensaio minhas firmezas”, faz parte central em minha pesquisa em arte e natureza. Onde investigo minha corpa-planta, através de colagens feitas com fotografias minhas e fotografias de família, a partir de uma perspectiva matriarcal. Registros de raízes das plantas penetram minhas memórias de família, inaugurando novas lembranças de minha história. Dentro dessa possibilidade, em unir imagens de diferentes trajetórias, interferidas, sobrepostas, gerando outras imagens. Raízes, são onde ensaio as minhas firmezas, e foi ao longo do processo que isso me foi revelado. E nessa imersão à minha história, ao meu passado, experimento a força geradora pulsante, e a potência que o resgate à minha ancestralidade provoca. Essa movimentação me sustenta, traz fúria ao meu devir, evidenciando a urgência em me-ser. Na medida em que rememoro minha história, para antes da minha própria existência. Percebo então, através dessa experiência , que passado, presente e futuro coexistem, me revelando, que para ser árvore, preciso ser raiz.
A obra Oscarina é uma colagem digital, da série ‘Raízes’, composta a partir de uma fotografia de raiz do bairro no qual minha bisavó Oscarina viveu, e uma foto 3x4 sua. Juntas, estas duas fotografias concebem minha tentativa em ressignificar a memória desta mulher e assim honrá-la. Além disso, busco trazer à tona a luta contra o poder normatizador da branquidade, que furta nosso direito de saber quem foram nossos ancestrais não brancos.

CARLES PAMIES

CARLES PAMIES is Licensed in Sciences of Information. He alternates the most insipid literature with the accomplishment of the most sordid television programs in all the spanish Networks during the last 25 years. He obtains some Literary minor Awards. In 1996 he publishes Cruel World, that the critique estimates but that turns out to be a commercial success. He edits also his next poem book, and later dedicates his works to the future unknown generations. His other multidisciplinary activities remain in hidden desks or have been punished by the law.

LA BOUGAINVILLEA

CARLES PAMIES

LA
BOUGAINVILLEA

La Bougainvillea se trouve dans une difficile situation à cause de la variation environnementale et de la mobilité réduite à laquelle elle confine son enracinement. La Bougainvillea perçoit que son alarmante situation botanique a besoin d'une situation drastique. Finalist Cano Mocs and Docs 2018 Short Film Festival - Australia
Finalist Cult Critic Movie Awards - Calcuta, India 2018
Finalist Green Planet Barcelona Intl. Film Festival 2019

CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO E GUILHERME SUSIN SIRTOLI

Cláudia Mariza Brandão, natural de Rio Grande (RS), professora e artista visual, atuando no curso Artes Visuais – Licenciatura e no PPG Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Doutora em Educação, tem Pós-Doutorado em Criação Artística Contemporânea (UA, PT). É líder do PHOTOGRAPHEIN - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), membro do Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura [ID +](Portugal). É pesquisadora da área de Fotografia e das Imagens, privilegiando as Teorias do Imaginário e os Estudos Decoloniais, com ênfase nas narrativas (auto)biográficas poéticas/simbólicas. Como artista visual já participou de várias exposições coletivas e apresentou exposições individuais, nacionais e internacionais.

Guilherme Sirtoli, natural de Caxias (RS), é mestrando do PPG Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. Licenciado em Artes Visuais, atualmente é acadêmico do curso de Bacharelado em Museologia. Realizou período de mobilidade acadêmica na área de Estudos da Arte (UA, PT). É pesquisador da área das Imagens, privilegiando a imagem fotográfica e a visualidade, com ênfase na História Cultural em diálogo com os Estudos Decoloniais. Desenvolve pesquisas e produções artísticas, atuando nos seguintes temas: Fotografia, História da Arte, Ensino das Artes Visuais, Estética e Cultura Visual. Como artista visual, já participou de exposição individual internacional e exposições coletivas, nacionais e internacionais.

PREMISSAS DO TEMPO

Videoarte, 2min30s, 2019

Cláudia Mariza Mattos Brandão e Guilherme Susin Sirtoli

PREMISSAS DO TEMPO

Independente do compasso das nossas rotinas, acelerado ou não, cada vez mais os nossos comportamentos interferem na vida natural e na qualidade da nossa própria vida, assim como uma escolha humana, subjetiva e social, consciente ou não. Com vistas a promover um olhar crítico sobre a vida contemporânea em sociedade, pela via da estética e da arte, propomos uma reflexão acerca de questões relativas ao Tempo, principalmente, como um fator social. Partindo de um enfoque que destaca a dinâmica massificante do cotidiano urbano, entabulamos um confronto visual com a organicidade da natureza e seu tempo contemplativo. Trata-se, em suma, de provocar os olhares para o crescente descompasso entre o ritmo do urbano e o do natural agravando sobremaneira o nosso afastamento da teia da vida.

CLÁUDIO TAROUCO AZEVEDO

Cláudio Azevedo nasceu em Rio Grande/RS, é artista visual, vegetariano, pesquisador e professor. Desenvolveu seu Pós-Doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, quando realizou incursões poéticas e investigativas na Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Tem doutorado e mestrado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, onde graduou-se em Artes Visuais. Coordena o Grupo de Pesquisa ART∃ECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosóficas – FURG/UFPel/CNPq e é vice-líder do Grupo Photographein UFPel/CNPq. Atua como docente nos Cursos de Artes Visuais do Instituto de Letras e Artes – ILA/FURG e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel. Como artista visual participou de exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Sua produção envolve instalações e acontecimentos com expressões verbais, fotográficas e audiovisuais impulsionadas por temas como: arte e ecologia, vegetarianismo, arte e saúde mental, ecosofia e biorrizoma.

UM SANTUÁRIO CONTRA QUEIMADAS

Cláudio Azevedo

UM SANTUÁRIO CONTRA QUEIMADAS

Em uma das trilhas do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), em Teresópolis/RJ, é possível sentir o ar puro e perceber as linhas dos raios de sol entre a mata nativa. A vida manifesta-se em suas diversas formas, cores, cheiros e sons. Vivemos uma época de muitas queimadas criminosas no Brasil. Um santuário contra queimadas trata de uma imagem capaz de fazer pensar sobre o nosso rico território natural que precisa ser cuidado... lugares de diversidade, promoção de saúde e reverência pela vida.

COLETIVO INÇO

Coletivo Inço, formado por Audrian e Diana, nascido no oeste catarinense com a vontade de entender movimentos para além do circuito artístico, propõe ações que utilizem o interior como fonte de pesquisa e espaço de compartilhamento. Desde 2017 realiza imersões em RS/SC. Participando de exposições, salões e feiras de publicação. Destaque para Bienal Internacional de Curitiba-Polo SC (2019).

Audrian Cassanelli (1989) natural de Xanxerê-SC. Graduado em Artes Visuais (UNOCHAPECÓ) atua como Professor e Artista desde 2011. Destaca-se: do Departamento Nacional do SESC - ArteSesc Confluências (2015), Bienal Internacional de Curitiba-Polo SC (2017) e IV Bienal do Sertão (2019). Como Professor recebeu os prêmios: 14º Prêmio – A Grande Jogada Social (Instituto Guga Küerten) e 2º lugar Festival Nacional Nossa Arte - Artes Visuais (Federação das Apaes).

Diana Chiodelli (1994) natural de Nonoai-RS. Graduada em Artes Visuais (UNOCHAPECÓ) atua na Arte-educação desde 2012. Destaca-se: do Departamento Nacional do SESC - Residência ArteSesc Confluências (2016), Bienal Internacional de Curitiba-Polo SC (2017 e 2019). Como Professora recebeu os prêmios: 1º Lugar Prêmio Escola Cidadã pelo Meio Ambiente - Fundação Aury Bodanese e Prêmio Atitude Cidadã 2019 - Prefeitura Municipal de Chapecó.

SEMEADURA

Ação de carimbar restos de poda | 2017

Coletivo Inço

SEMEADURA

No processo de poda, aquele que é descartado passa a constituir-se semente em outro formato, e a semeadura ocorre. A partir do excesso que surge do plantio em apartamento, galhos e folhas tornam-se sementes de um novo formato de semeadura, o decalque. Após a imersão dos galhos em tinta de carimbo, são colocados sob uma superfície de papel, e tem-se então a imagem detalhada de sua composição de folhas, galhos e raízes.

Os conceitos divididos para os processos são aqui dispostos na medida em que as imagens formadas pelo decalque promovem o olhar sobre o processo de germinação das plantas: lavrar, cravar, fincar, enterrar, criar, provocar, originar, promover, espalhar, propagar, expandir, disseminar, divulgar, derramar, dispor, entremear e divulgar.

DAIANE LAZARA PRADO

Daiane L Prado é graduada pela Universidade Federal da Integração Latino-americana UNILA. Artista-pesquisadora, alinha os estudos feministas e a arte contemporânea desde a perspectiva autobiográfica. O ensaio paradoxo da vida nua, foi produzido como trabalho final do curso em Letras-Artes e mediação cultural e exposto no evento Encontro Corpo, Arte e Política em dezembro de 2017.

PARADOXO DA VIDA NUA: ENSAIO PARA A DESCONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA FOTOPERFORMANCE

Daiane Lazaro Padro

PARADOXO DA VIDA NUA: ENSAIO PARA A DESCONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA FOTOPERFORMANCE

Este ensaio nasce entre diálogos e paradoxos. O processo de criação é colocado em perspectiva a partir do deslocamento do objeto/corpo feminino para o corpo/território feminino que se auto representa. As imagens são resultado de uma experiência performática orientada pela própria dúvida de como se observar na pesquisa acadêmica.
Se opondo à racionalidade que despreza o corpo na produção epistemológica, e tencionando os limites entre a vida e as teorias sobre ela, esse ensaio exercita a auto- percepção refletindo a multiplicidade de referências que compõem minha relação intersubjetiva com o mundo. É sentir os transbordamentos provocados pelo corpo em transito por fronteiras imaginadas e possíveis de capturar na fotografia.

EDSON MACALINI

Edson Macalini, 1983. Cascavel – PR / Brasil. Atualmente vive, trabalha e estuda em Palhoça/SC

Doutorando e Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV / UDESC – SC, Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP / UNESPAR. Professor de desenho na Universidade Federal do Vale do São Francisco – CARTES/UNIVASF em Juazeiro/BA.
Já participei de exposições individuais e coletivas, residências artísticas, feiras, festivais e produções de coletivos artísticos. Em meu trabalho artístico desenvolvo uma série de investigações e procedimentos poéticos que tendo como ponto partida o desenho, se desenvolvem nas coletas, deslocamentos geográficos, fotografias, narrativas e ficções em instalações, objetos e publicações de artistas como arqueologias dos lugares vividos e visitados.

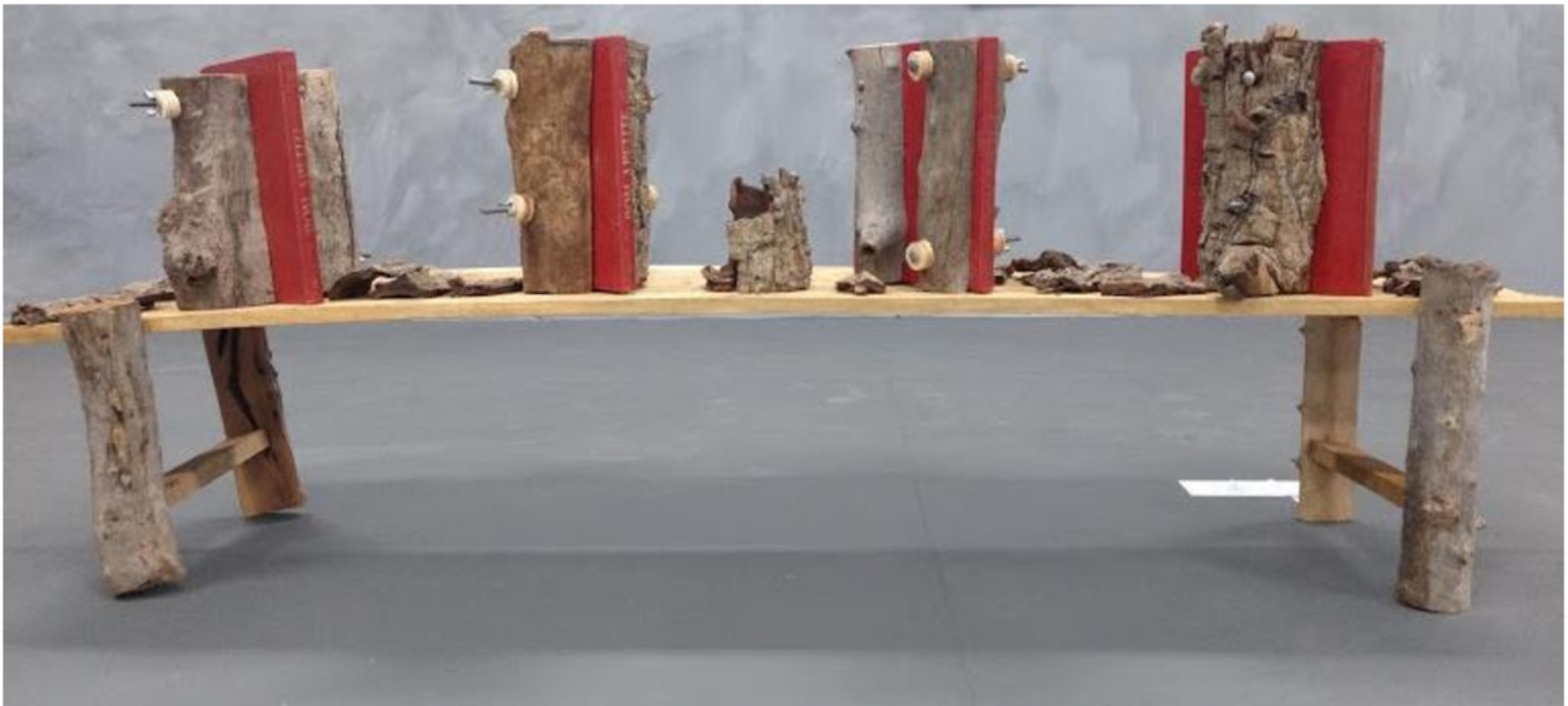
EMBRUTECIMENTO

2019 - Objeto/Livro de Artista (Livro/Madeira/Parafuso)

Edson Macalini

EMBRUTECIMENTO

Conjunto de livros sufocados por troncos de madeiras de devastação da Caatinga. A instalação tem como ponto de inflexão os lugares primários e primitivos que se encontram o conservadorismo contemporâneo da sociedade civil atual e, do retorno ao bruto e arcaico, quanto aos avanços e garantias de direitos humanos adquiridos são sucumbidos. Embrutecimento empresta da atualidade as contradições da humanidade que, bem intencionada, preserva os livros no esquecimento. Ironicamente, faz uma homenagem ao mestre Paulo Freire, pelo trabalho que realizou enquanto educador da classe trabalhadora.



EDUARDO BALTAZAR

Eduardo Baltazar, nascido em Niterói e trabalha no Rio de Janeiro.
Formado em arquitetura e urbanismo pela FAU UFRJ em 2018.
paralelamente ao longo da graduação teve formação como artista visual por vários anos em diversos cursos na Escola de artes visuais do Parque Lage e também em cursos livre na Escola de belas artes da UFRJ.
Hoje faz parte do programa de pós graduação em história social da cultura (linha história da arte) na PUC Rio com pesquisa sobre arte contemporânea (a partir dos anos 60) e a noção/era do Antropoceno e Gaia, e seus diversos teóricos atuais. Mais especificamente a pesquisa gira em torno do papel da arte atual e da estética no esquema/separação moderna da natureza/cultura, sujeito/objeto, humanidade/mundo, pensamente/ser, etc.. (citação de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro).
Junto com a pesquisa teórica desenvolve a prática artística, por meio principalmente da pintura, de toda o tema da Era do Antropoceno (por definição, totalmente abrangente, já que tudo e todos hoje estão contidos nela). Tal prática artística caminha de forma mesmo difusa, titubeante, ao retratar cenas, retratos, e até abstrações que de alguma forma procuram elaborar, ou ilustrar, as formas e modos pelos quais podemos nos relacionar de forma mais terrana, próxima do planeta e menos binomial, racionalista e moderna.

04 DE SETEMBRO DE 1987

Impressão jato de tinta sobre páginas de passaporte 12,5x25cm cada

[redacted]

Eduardo Baltazar

04 DE SETEMBRO DE 1987

Oito capturas de tela são tiradas do vídeo de um discurso de Aílton Krenak, líder indígena Krenak, da região do Vale do Rio Doce, rio em que se rompeu a barragem de Mariana em 2015, como crime e tragédia; então são impressas em páginas de um passaporte brasileiro que evocam a noção de identidade, nacionalidade e fronteira, ou então, de quem somos nós como povo.
No vídeo de 1987, o então jovem porta-voz do movimento indígena discursa no congresso nacional contra as políticas que procuravam continuar o extermínio dos povos nativos; o pronunciamento e manifesto que contou com uma auto pintura em gesto de luto foi decisivo para a aprovação dos artigos 231 e 232 na Constituição Federal de 1988 em defesa de tais povos.
O trabalho se dá em maio de 2020, época de intensa pandemia, ataques a todos os modos não dominantes de existência e acirramento das ameaças aos povos indígenas no Brasil.

EVANDRO NICOLAU

Artista das linguagens e das artes todas. Em busca de colaborar para um mundo livre, saudável e são!
É Educador no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e também professor universitário no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho na Escola DIEESE.
Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estética e História da Arte da USP, com Estágio Acadêmico na Edinburgh University Art Space + Nature, Escócia. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP.

A PAZ AGE NA PAISAGEM

paisagens audiovisuais eletrônicas

Evandro Nicolau

A PAZ AGE NA PAISAGEM

paisagens audiovisuais eletrônicas

Alterações da percepção a partir da captura em vídeo e fotografia digital, mixada a criação sonora e musical. O processo desse trabalho investiga essas associações criativas. São peças audiovisuais em que a experiência com a linguagem é o centro da ideia de arte, não exatamente como produto, mas como expressão, reflexão, imaginação e, principalmente, como função de existência humana com a natureza.

Perceber a paisagem, em suas alterações mediadas pela tecnologia, em um momento que precisamos de uma Revolução Ecológica no mundo. Esse é o sentido desse trabalho.

Confira playlist Eletroniclandscapes:
https://www.youtube.com/playlist?list=PLtZ19DTOe42haH-4fWl6yOMneYcuXXlr7

FERNANDA DE ABREU

Fernanda de Abreu, 40 anos de idade. Cidade- natal: Belém (PA), pós - graduando na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). É graduada em Artes Visuais pela UFPA (Universidade Federal, do Pará), 2018. Artista Visual, arte- educadora, Ilustradora, autora, ceramista, escritora do blog "Som e Vida Hot" sobre Artes Visuais, performance, arte- fotografa, publicou a obra "A Matinta Perera do Sítio Santa Rita"- pela editora Paka Tatu, 2021. Participou em várias exposições coletivas, uma dessas exposições intitulada, Irradiando Vida, 2021, e no evento Mostra de Cultura Ciência e Arte- MOCCA – Cunhantã – Resistência feminina, 2017, por duas vezes na galeria Cesar Leite, arte contemporânea com a Exposição coletiva: Entre projetos e Prática, o tema, "Belém dos Viajantes" em 2016. Na fotografia, participou na exposição coletiva de rua em Belém pelo projeto Diário Contemporâneo de Fotografia com a oficina, "Fora do Lugar", 2017.Também trabalhou organizando algumas curadorias educativas e produção. Participou de vários eventos nacionais e internacionais e, possuí obras depositadas nacional e internacional como na Casa do Artista, Faculdade Católica de Belém, Associação Foto Ativa, Círculo da imagem e Festival encruzilhadas contemporâneas: a imagem potiguar da Amostra Encruzilhadas, no Festival Internacional de Tiradentes, Biblioteca Nacional e bibliotecas públicas. Atualmente, está com pesquisas Patrimônio Cultura- Sabres Culturais e ensino em inclusão e também na fotografia com tema sobre gênero, natureza, meio ambiente e memória. É premiada por duas vezes com projetos sobre a Tradição Oral cultural da Amazônia paraense, com o conto na interface vídeo e livro físico respectivamente pela Fundação Cultural Municipal de Belém (Fumbel) e Lei Aldir Blanc, projeto Literatura e Leitura 2020.

FARINHA NOSSA DE CADA DIA EM PERSPETIVAS MANUFATURADAS. NOTAS NÃO INDUSTRIALIZADA

Fernanda Abreu

FARINHA NOSSA DE CADA DIA EM PERSPETIVAS MANUFATURADAS. NOTAS NÃO INDUSTRIALIZADA

O processo de fabricação da farinha, realizadas nas casas de farinas e ou “Retiro” comumente conhecidos nos interiores do Pará, mostra- nos as práxis de manufatura e de legados de nossos antepassados nas técnicas legadas dos povos nativos de nossa Amazônia paraense. Assim, ela nos trás uma reflexão do techne em contrapartida das grandes indústrias de fabricas de uma simplicidade da fabricação manual e do sabor da nossa farinha de raízes de mandioca, a qual, não podemos imaginar se não presencialmente e, não substitui, tais sensações e texturas, no sabor e do cheiro como nos cinco sentidos, à lenha na casa de fazer farinha.

FLORA SCHNEIDER

Me chamo Flora, tenho 24 anos, sou brasileira nascida no Rio de Janeiro e mãe da Sol! Desde muito pequena, gosto de me expressar através de desenhos, pinturas e colagens. Minha mãe é atriz e meu pai antropólogo, ambos sempre me estimularam a ser criativa.
Somos natureza e entender isso de fato é revolucionário. A partir desse conceito, desenvolvo pesquisas que estão muito presentes nos meus trabalhos. Tento realizar a ideia de que há uma conexão em tudo: céu, terra, seres humanos, bichos, plantas. Com estas matérias, desenho, pinto, tatuo e componho em papéis, telas, paredes e corpos.
Atualmente estudo Artes na Universidade Federal Fluminense (UFF) e tatuo no estúdio Stay Inc (Rio de Janeiro). Estou sempre aberta e curiosa, em busca de novos caminhos e desafios criativos.

MERGULHO

Flora Schneider

MERGULHO

Trabalho que fala sobre rituais de afeto. Pensado através do abraço das aguas e na conexão com a natureza e feminino desde que nascemos através de nosso mergulho, tive a ideia de retratar o ritual de mergulhar assim como nossas sensações quando flutuamos pela agua sendo envolto e abraçado por ela, tem tudo a ver comigo e com as sensações e liberdades que eu quero para todos, para o mundo.
Mergulhar é deixar o corpo livre. É fazer parte do todo, é ser e sentir natureza assim como se deixar apenas estar.

FRANCISCO AURÉLIO

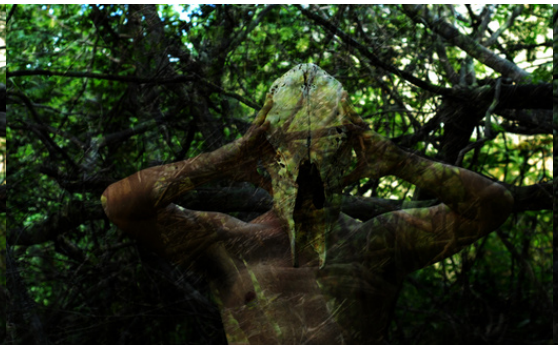
Francisco Aurélio, 24 anos. Mora no Sítio Espinhaço, uma pequena comunidade rural de Barbalha-CE e que fica próxima à Floresta Nacional do Araripe. Estudou Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Regional do Cariri - URCA. Experimenta performances direcionadas à câmera, fotomontagem digital e fotografia artesanal, sendo a maior parte dos trabalhos resultantes de uma investigação da paisagem rural que lhe é comum e das memórias de parentes próximos. Propõe o exoesqueleto poético como uma estrutura-entre, um encontro entre humano e animais-não-humanos a partir da memória como elo, tendo ossos encontrados a céu aberto como arquivos orgânicos do fenômeno da vida e da decomposição da carne.

DESAPARIÇÃO

Francisco Aurélio

DESAPARIÇÃO

A obra “Desaparição” (2020) vem gerar um pensamento reflexivo sobre o desaparecimento gradativo da ficção de animal superior e a reintegração da experiência humana nos processos de produção de morte e de vida que são próprios à existência e sobrevivência da natureza. Trata-se de perceber o humano como um ser ao lado, como um ser que se encontra horizontalmente localizado em relação a formas de vida não-humanas, como a experiência de uma matéria que em vida se alimenta da terra, e que na morte será alimento para ela, nutrindo vermes, bactérias e plantas. Aqui a morte surge não como finitude, mas como transfiguração material necessária à continuação dos ciclos de vida.



GABRIELI DOS SANTOS DA SILVEIRA

Meu nome é Gabrieli Silveira, tenho 22 anos e sou natural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Sou Bacharel em Artes Visuais e graduanda em Licenciatura de Ciências Biológicas, ambos pela UFPel.
Meus interesses sempre se tecem pelo campo do desenho, onde trabalho muito com a figura do bicho. Sendo trabalhos sobre questões ambientais, eu crio uma visão crítica da presença do animal no desenho, além de buscar ilustrar apenas animais o mais distante possível de animais domésticos, a fim de negar a presença da figura humana e tentar dar destaque a esses outros seres que acabam ficando à margem, sem o devido destaque e proteção que os animais domésticos possuem.
Meu processo criativo também vem de encontro entre a arte e a biologia, onde um processo contamina o outro, meus trabalhos sempre acabam refletindo alguma questão ambiental atual, seja vinda dos jornais ou quando estudo sobre algum animal diretamente no campo da biologia, a partir daí, busco registros do bicho que determino para o tema, faço esboços sobre como irá emergir sobre meu desenho e, por fim, a metamorfose acontece quando passo minhas canetas hidrográficas sobre o papel e crio um novo sentido para aquele corpo na arte. Trabalho com muitas cores e tons saturados característicos do material e com uma linha muito livre, a cor no caso, serve para chocar ainda mais e causar essa ironia entre o desenho mórbido e a cor "viva".
Meus trabalhos expõem muito a figura do bicho marginalizado, ocupando completamente o espaço do papel como se o cativasse aquele lugar, criando um novo corpo onde suporte e desenho viram um só. Há também trabalhos onde o corpo vem sobre as notas do real por exemplo, e sobre esses suportes onde são representados e porém, completamente invisíveis no espaço que ocupam, sendo assim viso um novo olhar sobre eles quando os redesenho sobre.

DEUS SEJA LOUVADO

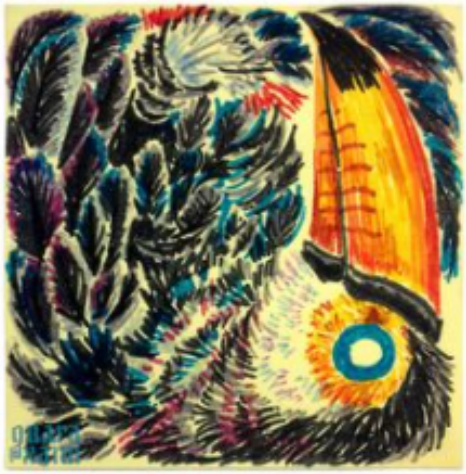
Desenho feito com canetas hidrográficas sobre papel pólen, de 18,5x10cm

[redacted]

Gabrieli dos Santos da Silveira

DEUS SEJA LOUVADO

Esse trabalho é um dos mais recentes e foi produzido já durante a pandemia, em dimensões reduzidas de tamanho não tão distante de uma nota do real, feito pouco tempo antes do anúncio de como seria a nota de 200 reais. No momento, muitas pessoas começaram a desenhar e postar pela internet como elas imaginavam que seria a nova nota e, como eu já tinha uma série com as notas em 2017, pensei que seria uma oportunidade para trabalhar com o tema novamente.
Seguindo a mesma linha de antes de pensar o animal morto ignorado sobre a nota do real, produzi este único desenho imaginando como seria a nota para mim, com o desenho sendo baseado em um lobo-guará que foi realmente atropelado. Pela primeira vez, eu não estava criando a situação a partir dos estudos que eu fazia, de várias imagens e textos sobre os bichos que eu desenhava, e sim, desenhando algo que realmente aconteceu, encarando por um tempo aquela morte escancarada em uma notícia de jornal e também, em tempo dos incêndios que haviam começado no pantanal.
Importante destacar o uso de cores tão vivas nos meus trabalhos representando algo tão ligado a morte, meus trabalhos acabam possuindo até uma certa ironia no modo de se fazer, gerando esse choque de realidade. Também possui a ironia do nome, muitas pessoas não notam esse pequeno detalhe, assim como não lembram dos bichos presentes nas notas que é o fato de ter escrito nela “Deus seja louvado” na frente. Com um governo tão ligado a questões conservadoras cristãs, enquanto permite e reforça esse genocídio com a fauna e flora brasileira, acabo deixando esse “sútil” título ao trabalho."



GRUPO CRISES

Grupo de Pesquisa de Poéticas e Educação em Dança - Nucleo CRI(s)ES

O Grupo de Pesquisa de Poéticas e Educação em Dança (GPPED) é formado por artistas educadorxs interessadxs em estabelecer campos de aprofundamento e compartilhamento de suas investigações na dança educação e na criação cênica, entendendo a pesquisa como prática inerente aos fazeres artísticos e pedagógicos que compõem o trabalho do/a artista docente. Visa, assim, verticalizar e fomentar a produção acadêmica em seus múltiplos desdobramentos, considerando a transversalidade das ações desenvolvidas pelo grupo nos processos formativos nas artes da cena.

O Núcleo CRI(s)ES - Pesquisas de Educação em Dança é um grupo destinado a estudos teórico-práticos da Dança-educação, que tem por objetivo ampliar e fortalecer as pesquisas sobre a Dança na/para a educação formal e não-formal. Pertencente ao Grupo de Pesquisa de Poéticas e Educação em dança, desenvolve ações de poéticas da dança para diferentes espaços formativos, com temáticas que envolvem as Poéticas da dança na educação básica; Processos de ensino aprendizagem da dança para o espaço escolar e não escolar e Formação de professores em dança.

O Grupo possui, atreladas às suas pesquisas em dança educação, ações de produção cultural que fomentam e (retro)alimentam esses estudos. São elas: Encontro de Arte-docência em Dança de MS; Encontros de formação ConvidArte; Mosaico do conhecimento e Participação em campanhas e eventos de diversos artistas nos âmbitos regional e nacional.

PANDEMIA. CONFLITO. NATUREZA. CONFLITO: UM EXPERIMENTO CÊNICO POR MEIO DA VIDEODANÇA

Grupo Crises

PANDEMIA. CONFLITO. NATUREZA. CONFLITO: UM EXPERIMENTO CÊNICO POR MEIO DA VIDEODANÇA

Qual é o meio ambiente em que estamos vivendo em 2020?
Meio=contexto. Ambiente= Memórias, descobertas, confinamento... liberdade?
Provoco, escuto e tento fugir de mim mesmo...
Só resta respirar, enquanto há ar. E ficar vivo, enquanto há água! Escassez de água, de ar, de movimento; excesso de insegurança, na clausura de meus pensamentos e sentimentos.

HYUNJUNG PARK

Ph.D of art. Born in Korea in 1984. Now she based in Hokkaido. She studied art at the Korea National University of Arts and the Musashino Art University Graduate School. She look at and record things through cameras at various boundaries such as between words, between life and death, between time, between countries, between science and art. She aims to create a work that you can experience as a space of memory by collecting common special moments that you can see in a record.

YELLOW LINE
AND PINK STRING

Hyunjung PARK

YELLOW LINE
AND PINK STRING

The bridge that was built for the Sapporo Winter Olympics. It was decided to remove it because it did not meet the quake-resistance standards. As the path across the sky vanished, We need another way. Measurements were made to make way. As a result, a fireplace line was laid on the soil and wood. The yellow line is a mark indicating a new road section. The tree that was in the mark, and a pink(colored) name tag was put on. The pink(colored) sign of waiting to fall. Without numbers or words, only the shape of a stapler was left. with reference to the pink sign, with the skin of a tree, connected by a one and long pink line.
In the forest parallel to the road. A paved fireplace and a pink dot. By connecting lines and dots and recording them with a plane. It leaves the place and time where the tree has lived.

INGRID COSTA MOREIRA

Designer gráfico e artista visual natural de Goiânia -GO, possui bacharel em Design Gráfico pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGAVC) pela mesma instituição. Desenvolve uma pesquisa teórico-prática em artes visuais sobre os processos de criação de econarrativas visuais. Possui experiência nas áreas de Design Gráfico e Artes Visuais com foco nas seguintes temáticas: arte e natureza, narrativas de vida com a natureza, narrativas visuais, cultura visual, autobiografia em processos de criação. Contato: sp.ingrid33@gmail.com

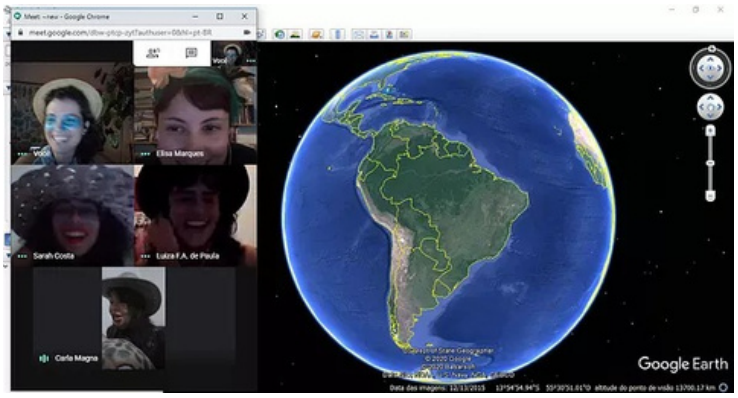
DAS PLANTAS QUE HABITAM EM MIM

INGRID COSTA MOREIRA

DAS PLANTAS QUE HABITAM EM MIM

Econarrativa Visual. Dimensões variadas. Fotografia e colagem digital A obra Das plantas que habitam em mim, é parte de minha pesquisa teórico-prática em artes visuais cuja proposta foi investigar os processos de criação de econarrativas visuais. As econarrativas visuais são proposições artísticas produzidas a partir de uma abordagem crítica que coloca diversos campos do conhecimento em diálogo, tais como: ecologia, feminismo, arte, estudos decoloniais e estudos autobiográficos. A imagem foi produzida através da influência de minha experiência autobiográfica, onde pelo contato com áreas de biodiversidade preservada procuro sensações e elementos que possam ser inseridos nas imagens e despertem a consciência de si como parte da natureza.

JARDINS VIVENTES



Jardineiras Viventes é uma coletiva de cinco mulheres, constituída no contexto da residência interdisciplinar Córregos Vivos, que, entre os meses de setembro e novembro de 2020, teve ações voltadas para o território da bacia hidrográfica do Córrego Cercadinho, na região oeste de Belo Horizonte. Dentre as cinco jardineiras estão Carla Magna, ambientalista e plantadora de "Jardins de Resistência" nas beiras dos córregos da Bacia do Cercadinho; Núria Manresa, arquiteta-paisagista e educadora; Elisa Marques, arquiteta, pesquisadora e militante das águas urbanas; Luiza de Paula, pós-doutora em botânica e divulgadora científica; Sarah Terra, pesquisadora e praticante de agroecologia. Todas as cinco viajantes são moradoras de Belo Horizonte, nem todas moradoras da região do Cercadinho, todas mulheres, todas jardineiras, todas cuidadoras, todas imaginaristas. O encontro entre os diversos saberes e experiências das jardineiras resulta em produções permeadas pelas temáticas da ecologia urbana, do ecofeminismo e da etnobotânica. As interações entre elas e com o território, atualmente remotas e hiper-mediadas, devido ao contexto de isolamento social, configuraram uma espécie de etnografia vaporosa: histórias vividas, imaginadas e sonhadas, no calor da terra, no frescor da água e no espaço imaterial das redes e das mentes.

CORAÇÃO MAGOADO

Vídeo 1'34" de 2020

Jardins viventes

CORAÇÃO MAGOADO

Coração Magoado é uma coleção de recortes
das figuras favoritas das revistas,
deixadas displicentemente (guardadas) entre as páginas do livro de receitas,
junto às contas de energia elétrica, em meio ao para-casa das crianças.
Um diário fragmentado, intimidade exposta, mas não totalmente revelada,
a não ser agora, montadas em sequência ritmada
e narradas em confissão.

Coração Magoado é uma botânica doméstica, ciência dos afetos.
Cura das mudas trocadas entre vizinhas,
cúmplices de águas derramadas.

LÍRIO (JOÃO VICTOR CONCER)

ATOR, DRAMATURGO, POETA, CONTISTA, PROFESSOR DE LINGUAGENS , ARTE-EDUCADOR E MEDIADOR CULTURAL EM FORMAÇÃO.
Licenciado em Letras pela Unisantos possui pesquisas e projetos desenvolvidos na interdisciplinaridade entre literatura e teatro. Vencedor do concurso Fescete de poesia universitária nos anos 2016, 2018 e 2019, com poesia publicada na Antologia Poética, 2019 do prêmio Poetize da Vivara editora, atualmente cursando o bacharelado em Letras, Artes e Mediação Cultural com interesses em pesquisas nas áreas das artes, educação e comunicação que reflita a decolonialidade.

O QUE RESTA

Lírio (João Victor Concer)

Escrevivendo com um vírus
suspiro
Não consigo mais falar do vírus
Os algoritmos mudam as polêmicas semanais
O vírus é anual
Não consigo mais falar do vírus
Passo mal
Com minha cultura pop-televisiva
Não consigo mais falar do vírus
Mudo de canal
As definições de vírus foram atualizadas
O calor astral

Nesse escrito contaminado
Que minha mão digita
texto-digital-da-pandemia-anual
Eu coloco as palavras que restaram
As palavras que restaram
Nessa criação textual
As palavras que restaram
Que evaporam com o calor
de quarenta graus

Já vomitei amor e ódio
verborragias inquietas nas redes
virtuosas da nossa deus
Placa Mãe

Lives
Meeting
Delivery
Classroom
Drive
Homeoffice
Lockdown
Las palabras in english para tirar a saturação de um momento único: A pandemia
nenhuma dessas english words restaram

Uma ameaça foi detectada
Sem espaço para partidas de futebol
As torcidas vibraram nas redes virtuosas da nossa deus
Placa Mãe
Economia e Saúde disputaram o coração humano
Provando que a queda é constante
Que sempre estivemos com várias guias abertas
abrindo guias e guias no Google Chrome
Sem guia nenhum na vida
vida que vida?
Há espaço para falar de vida?
Quais vidas restaram?
Quais vidas sempre restaram?
Quais palavras de vida são as sobras que comporão esse texto viral?

As sobras nos mostram seres vivos nada naturais
Compostos de 25gigabytes, outros mais, outros menos.
Temos medo de nossa própria espécie
Medo dela viva
Medo dela morta
Os astros nos alertam que estamos morrendo
Os astros nos alertam que estamos matando
Os astros nos sufocam e nós somos os restos de nossa própria história vergonhosa
O scaneamento terminou

O QUE RESTA

Não creio ser por negação e também não vou em uma busca ilusória de excesso de positividade nos tempos que estamos vivendo, mas é difícil digerir esse tema da pandemia uma vez, novamente e de novo de forma artística.
Nos primeiros meses escrevi muito e parece que tudo já se foi, então, resolvi partir desse ponto para uma escrita totalmente infectada após 7 meses de duração da pandemia. Quais palavras restaram?
Baseado em obras de artistas contemporâneos que trazem a dor da morte e a compreensão da mesma, eu escrevo O que resta.

JUANA SABINA ORTEGA

Nació en la inmensa ciudad de México, pero sus orígenes tienen raíz en el estado de Hidalgo. Pasa su infancia y adolescencia en el barrio de Buenavista en la ciudad de México antes de comenzar la carrera de Artes Visuales en la entonces Escuela Nacional de Artes Plásticas de la UNAM. Especializada en grabado, pintura y dibujo, cuatro años después (en 2010) comienza un viaje que la llevó a recorrer el centro y sur de América latina, logrando concretar diferentes proyectos: exposiciones en Guatemala, Costa Rica, Colombia, Ecuador, Perú y Brasil y la realización de diferentes murales en colaboración con artistas locales. En 2015 al final de este largo viaje, llega por primera vez a Europa, y después Marruecos país que ha inspirado profundamente su pintura. En 2018 participa en la residencia artística "Shangjing visto por artistas internacionales" en China, gracias a la invitación de la Galería Claire Corsia (París) y de la Asociación para la cooperación Franco-China (París), dando lugar a dos exposiciones colectivas, dichos proyectos desembocaron en una segunda visita a China en octubre de 2019, al ser seleccionada en la 8va Bienal de pintura de Pékin " A colorful world and a shared future". REFUGIOS, es una serie de pintura, dibujo y objetos en la que trabaja después de septiembre de 2018. El refugio representa la necesidad y el deseo incesante del ser humano por encontrar un lugar seguro para existir. Otro de los objetivos también es el de proyectar en estas obras una manera diferente de mirar el mundo, estos paisajes son el refugio de animales, plantas y seres humanos. La artista considera que nuestro mundo - como el mundo animal - se ha reducido considerablemente, como si nosotros también estuviéramos encerrados en cajas de madera.

EL PUENTE / LE PONT

Juana Sabina Ortega

EL PUENTE / LE PONT

Con mi trabajo en general busco iniciar una reflexión sobre la necesidad de respetar la vida de los animales no-humanos y hacia el planeta. En esta obra titulada <<El puente>> intento crear lazos entre dos mundos que inconscientemente pensamos opuestos : el mundo natural y nuestro mundo artificialmente creado para el confort humano. Hace varios años que me planteo diversas cuestiones sobre nuestra manera desmedida de consumir, olvidando que todos formamos parte de todo, que cada acción que realizamos tiene consecuencias (negativas o positivas) sobre el otro y nuestro ambiente. A través de todos los símbolos de esta obra reconcilio a los seres vivos, reconstruyendo un mundo - aunque imaginado - libre de sufrimiento, de explotación y abuso. Los materiales con los que esta obra fue realizada provienen del reciclaje, lo cual forma parte importante de mi discurso.

LARA BUFFARD

Lara Buffard (1973) is a French performance artist. She graduated in Museology and later in Theatre Performance and Contemporary Live Arts. In her work she subverts the darkest aspects of life through striking and colourful images, communicating personal and social ideas in playful and powerful acts, transforming the human body to Raphaelite creature.
More on http://www.larabuffard.com

EX-CAVA

Lara Buffard
Foto: Julia Forrest

EX-CAVA

Ex-Cava invites to dive into ourselves and to use the power of fire , one of the four elements (water, air, earth) not as a destructive, negative element we usually associated but as a powerful generative live and energy changer. But ....fire is as well a source of energy who requires careful moderation and control or you will get burned!
It's a performance of particular emotional charge where I attempted to bring out the rejuvenating forces of fire both literally and metaphorically. Tied to an elaborate twig wreath round my eyes, I look like I struggle with the weight until I released from it as I wrapped myself in the flames. My physical presence and my interaction with the public made for an almost ritualized experience of pain and my recovery. As a metaphor of our world recovery definitely need it."

LI VASC

Artista Visual e Arte-educadora. Mestra em literatura e interculturalidade, atua como professora em cursos online na área de fotografia experimental e realiza escutas na pandemia. É uma das idealizadoras do projeto : Espelhos Fotografia Expandida.

O QUE SUSTENTA A CASA É O CORPO E A PALAVRA

Li Vasc

O QUE SUSTENTA A CASA É O CORPO E A PALAVRA

Das ruínas construímos uma nova morada. As folhas da árvore são as telhas. Por entre elas, contemplamos o céu. O que sustenta essa casa são os corpos que dançam, tocam e vibram. Arrancaram as mãos e a minha cabeça.
Mesmo assim sobrevivo nos corpos dos meus filhos e filhas.

LUCIANA VALIO

Mãe, Artista, pesquisadora e professora universitária de Tridimensionalidade dos Cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande –ILA/ FURG.

Das minhas memórias de infância, quando viajávamos em família, lembro-me de meu pai parar na estrada para coletar alguma planta ou semente que o interessava. Assim, cresci sempre observando o entorno por onde eu passava. E aos poucos passei a ser uma coletora também. Sementes, galhos, pedras, conchas tornavam-se foco de minha atenção, e eu os recolhia.

Com essas lembranças, meu trabalho artístico fundamenta-se na relação da arte com a natureza em diversos âmbitos, inclusive, nas ancestralidades e em outras cosmovisões. Considero minha proposta experimental, a partir da vivência com a natureza enquanto agente transformador. Inclusive, por meio das manualidades, desenvolvo uma releitura do feminino com o intuito de afirma-lo como possibilidade de ação em arte-natureza.

NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

Luciana Valio

NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

Nem tudo que reluz é ouro (2020) é uma intervenção urbana que se apropria dos elementos naturais coletados nos percursos realizados no dia a dia. Sementes, conchas do mar, vagens... elementos coletados que fazem parte de uma atividade comum: observar o entorno.
Após a apropriação, esses elementos são folheados a ouro. E assim, são devolvidos no ambiente onde foram coletados. Sua escala se perde, se apaga, na relação com a matriz-mãe-árvore. Assim, reinserir o elemento que foi apropriado o qualifica de outra maneira.
O processo de folheamento a ouro remete ao significado do ouro como proteção e pureza. Além disso, o ouro simboliza a transformação, uma nova pele para a Terra.
Assim, ressignificar o modo como temos nos relacionado com o meio ambiente e com nosso entorno, sensibilizar para outra maneira de considerar os elementos da natureza, mostra-se transformador.

LUÍSA PRESTES

Luísa Prestes (Camaquã, Brasil - 1993) é artista visual, pesquisadora e arte-educadora. Participou de ações, performances e exposições no Brasil, Holanda e Uruguai. Vive e cria a partir da noção do fazer artístico como o próprio tecer de existência na teia da vida. Seu trabalho apresenta forte interesse por questões ecológicas e pela valorização de modus vivendi conectados aos saberes intuitivos, naturais e ancestrais. Atualmente tem se dedicado mais intensamente à linguagem da pintura, onde busca criar espaços simbólicos de acolhimento, cura e respeito às subjetividades sensíveis às forças e formas da natureza.

PROJETO NIBIRU: SOBREMESA: BANQUETE COMA ARTE

Luísa Prestes

PROJETO NIBIRU: SOBREMESA: BANQUETE COMA ARTE

O projeto Nibiru surge em 2016 como um projeto de arte relacional e se estende através do tempo agregando outras linguagens e camadas de significado. É uma ação que envolve a articulação de diferentes sujeitos, como produtores rurais e feirantes, agentes do sistema da arte e público. O projeto foi pensado para acontecer em diferentes espaços, tendo como estrutura essencial o fato de que o personagem Nibiru oferece ao público alimentos, adaptando-se o formato e particularidades de cada ação ao contexto na qual esta se realiza. Em 2017 o projeto Nibiru participou da exposição coletiva SOBREMESA, na Galeria Península em Porto Alegre. Na oportunidade, a ativação aconteceu através de duas linguagens: uma ação na vernissage e uma instalação interativa que permaneceu ao longo de toda a duração da exposição. A ação na vernissage consistia no personagem Nibiru oferecendo aperitivos ao púbico, doces e salgados preparados inteiramente à base de plantas. Já a segunda parte da ativação tratava-se de uma mesa instalativa na qual o público encontrava diversas plantas acompanhadas de cartões com informações a respeito dos benefícios de seu uso, tanto do ponto de vista medicinal, quanto do ponto de vista energético-espiritual, além de instruções de preparo e consumo. Ainda, na mesa estavam à disposição diversos aparatos cerâmicos produzidos especialmente para a ação: eram colheres, pequenas vasilhas e xícaras para o preparo de chás e até mesmo cachimbos para o consumo das ervas e sementes as quais a posologia recomendava o uso através do fumo. Ao trazer para o espaço da galeria plantas medicinais, propunha a valorização dos saberes populares, naturais e ancestrais e seu caráter ritualístico simbolizado por essas plantas em resistência à industrialização dos modos de vida contemporâneos.

MANOELA DOS ANJOS AFONSO RODRIGUES

Professora Adjunta da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, vinculada à linha Poéticas Artísticas e Processos de Criação, onde desenvolve e orienta pesquisas na sub-linha Pesquisa Autobiográfica em Arte. Líder fundadora do grupo de pesquisa Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas – NuPAA/UFG/CNPq. Seus processos de criação na escrita, nas artes visuais e no ensino são influenciados pela abordagem autobiogeográfica, deflagrando posicionamentos críticos e poéticos no âmbito das práticas de si que problematizam noções de espaço, lugar, território e deslocamento.

TERRA DE JATAÍ

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

TERRA DE JATAÍ

O trabalho consiste em 9 Cartões-Postais e 1 Fotografia, criados no contexto de uma oficina sobre Arte e Natureza ofertada em Jataí, Goiás, em 2009. O trabalho articula noções de espaço, lugar, pertencimento e correspondência, sinalizando as possibilidades de envio do próprio lugar (terra) a alguém, para além do envio de suas representações.

MARCO MIRANDA

Marco Miranda oriundo da Periferia de São Paulo, criado entre a grande sp em Taboão da Serra y a vizinha zona sul zona show. É artista que integra o coletivo Sarau do Binho, Mediador, Poeta, Ator/Performance y Arteducador nas quebradas do mundão.

INSTINTO DE SER
SEMENTE / PAJARITO

Marco Miranda

INSTINTO DE SER
SEMENTE / PAJARITO

Poesias produzidas em tempos de pandemia aqui no Brasil, sobretudo em São Paulo. Dois tempos , Pajarito escrita no comecinho da pandemia já Instinto de ser semente foi escrita mais ou menos uns seis meses depois. reflexões a cerca do que pode ser "belo" em tempos difíceis. Y a pergunta: quando foi fácil? talvez sejam esses os motes para essa poesia que escrevo nesse momento da vida.

MARIJA DEJANOVIĆ

Marija Dejanović was born in Prijedor, Bosnia and Herzegovina, in 1992. She grew up in Croatia, Sisak, and currently lives in Zagreb, Croatia and Larissa, Greece.
In year 2018 her manuscript "Ethics of Bread and Horses" ("Etika kruha i konja") won "Goran" award for young poets and "Kvirin" award for young poets. Manuscript "Heartwood" ("Središnji god") won "Zdravko Pucak" award. Both books were published in the same year and well received by critics, readers and media. In year 2020, her trilingual book, "Visible Bone", was published by Athens World Poetry Festival.
Her poems and literary reviews were published in magazines, anthologies and internet portals in Croatia, Bosnia and Herzegovina, and Serbia. Translated poems by the author were published in France, Hungary, Greece, Italy, Macedonia, Bulgaria, Romania and Germany. She presented her poetry at festivals and readings in Croatia, Serbia, Slovenia, Macedonia, Austria, Bulgaria, Italy and Greece.
She is currently finishing graduate studies in literature theory and she holds a master's degree in pedagogy, both at University of Zagreb. She has been awarded Dean's award for excellence and Franjo Marković award for excellence (both by Faculty of Humanities and Social Sciences, University of Zagreb). She was a recipient of multiple scholarships for excellence from the same university and a scholarship for writers by Croatian Ministry of Culture.
She is a member of Croatian Writers' Society and international poets' and festivals' platform Versopolis. She's one of the editors of "Tema" magazine. She is the assistant director of Thessalian Poetry Festival (Πανθεσσαλικό Φεστιβάλ Ποίησης).

ETIKA KRUHA I KONJA

Poems by Marija Dejanović
Translated by Hana Samaržija

Putting Out Oak Trees

We are not of the kind that doesn't
credit its sources: a girl flushes all
but ashes down the drain. We don't know
what to do with those

blinds made out of lost foxes
stretched between glass sheets.
Will we be late for the sun
or won't we? If it rains,

we'll fail to come to the funeral,
like the time they failed to
put the oak tree out
because nature can take care of itself.
I'll ask too many questions.

Don't bring up my birthday,
your mother didn't count your teeth either
but you turned out just fine, didn't you?

Didn't it turn out just fine
counting red beans
instead of each escaping sun?

ETIKA KRUHA I KONJA

"Etika kruha i konja" (Ethics of Bread and Horses), translated by Hana Samaržija. Although the book is highly conceptual and ""forms its very own system of reference"" (Šamija), it is still playful and, if carefully observed, closely entwined with the poet's social identity and cultural context. Some of the subjects present in the book are: female identity in traditional societies; war-related migration; childhood; Slavic folklore, folk-tales, and real-life historical events. On the formal level, the author combines epic narativity, rooted in Bosnian and Croatian folklore, with subtle surrealistic imagery based on avantgarde poetry, and repetitive usage of forceful symbolist motives (mostly animals and everyday objects).
The selected poems are a part of first chapter, ""Sorceress' Apprentice"". The first chapter depicts the lyrical subject, a horse-girl, being brought up by a sorceress who, having adopted her and taught her everything she knows, is growing old. The chapter, while celebrating female power and it's communal and transmissive nature, also questions the position of a gifted woman in a traditional setting.

MARYELLA SOBRINHO

Artista plástica e professora de artes no Instituto Federal do Paraná, formada pela Universidade de Brasília, onde também concluiu seu mestrado. Fez doutorado em História da Arte na Universidade do Estado de Santa Catarina, com período sanduíche na Universidad Autonoma de Madrid. Em sua tese, abordou a obra de Cristina Iglesias e sua relação com a paisagem, natureza, escultura e arquitetura.

PEDRARIA

Maryella Sobrinho

PEDRARIA

"Pedraria" (2020), é composta por seis pinturas em aquarela, que apresentam uma seleção de imagens de pedras, rochas e gemas. Tais elementos geralmente são extraídos da natureza com o objetivo de compor coleções, adornar corpos e ambientes. Nesta série, permanecem "cumprindo tais funções", mas aparecendo somente no plano bidimensional, enquanto representação do objeto, descartando o processo de extração do meio natural. Considerando a ideia de que a paisagem é o meio pelo qual a humanidade se relaciona com a natureza e com o espaço, tais imagens também colocam-se como paisagens.

MÔNICA LÓSS

Doutora em Artes pela Universidade de Barcelona, Espanha, Mestre em Educação e pós-graduada em Design para Superfícies pela Universidade Federal de Santa Maria, RS – Brasil e, pela mesma instituição é bacharel e licenciada em Artes Visuais. Seu trabalho parte da investigação do têxtil enquanto campo expandido transitando por outras mídias e suportes abordando de múltiplas maneiras a questão do refúgio como elemento metafórico ou formal. Atualmente mora nos Estados Unidos, onde trabalha como designer e artista visual e vem participando de exposições em diferentes cidades no Brasil, México, Estados Unidos e Europa.

TRAMAS ABAIXO DO BOM/MAU TEMPO, 2020

Mônica Lóss
Registro de imagem: Mariana Kobal

TRAMAS ABAIXO DO BOM/MAU TEMPO, 2020

Este trabalho foi desenvolvido ao ar livre, na rápida transição de estações em que, dias de verão calorosos, foram dando lugar para dias de outono frios e úmidos. Enquanto os dias foram passando, a paisagem ao redor foi se transformando e, ao longo de duas semanas, por aproximadamente 2 à 4 horas por dia, fui caminhando em silêncio, comprometida com a simplicidade do gesto ao ter os fios entre meus dedos para compor um desenho de trama feito sem rascunho. Fui percebendo como aquele corpo/trama, um círculo vermelho, nascendo em contraste com o verde do gramado que crescia sem cerimônias, foi se tornando uma trama de naturezas variadas e complementares.

Estar à mercê do tempo, submetida a suas mudanças e imprevisibilidades foi uma maneira de perceber o entrelaçado entre corpo e pensamento junto ao chão sob o sol que queimava, a chuva que molhava, o vento que soprava, as folhas que caiam, com canto dos pássaros, quase como uma orquestra, esquilos que me olhavam intrigados, perus que passeavam pelo jardim atrás de comida, veados que muito ariscos, nem chegavam perto quando eu estava, mas quando me ausentava, achegavam-se para inspecionar aquele corpo estranho, crescendo no espaço que a eles pertencia. Sem falar nos insetos, aqueles que percebia e os que não percebia, mas sentia que estavam por ali.

A ideia deste trabalho partiu da criação de um círculo de três metros de diâmetro feito, primeiramente, com ganchos metálicos cravados no chão e aos poucos, sendo preenchido com a lã vermelha de alpaca. O tramar foi se constituindo como um fazer processual feito de gestos, movimentos e limites, tanto do corpo que cansava, quanto daqueles ditados pela forma: os três metros de diâmetro. Caminhar ao redor deste círculo funcionava quase como um ritual, um mantra dito para dentro e ritmado com o fazer de fora, que enquanto construía a trama, também ia atuando na compreensão de mundo e aprofundando o diálogo com a vida.

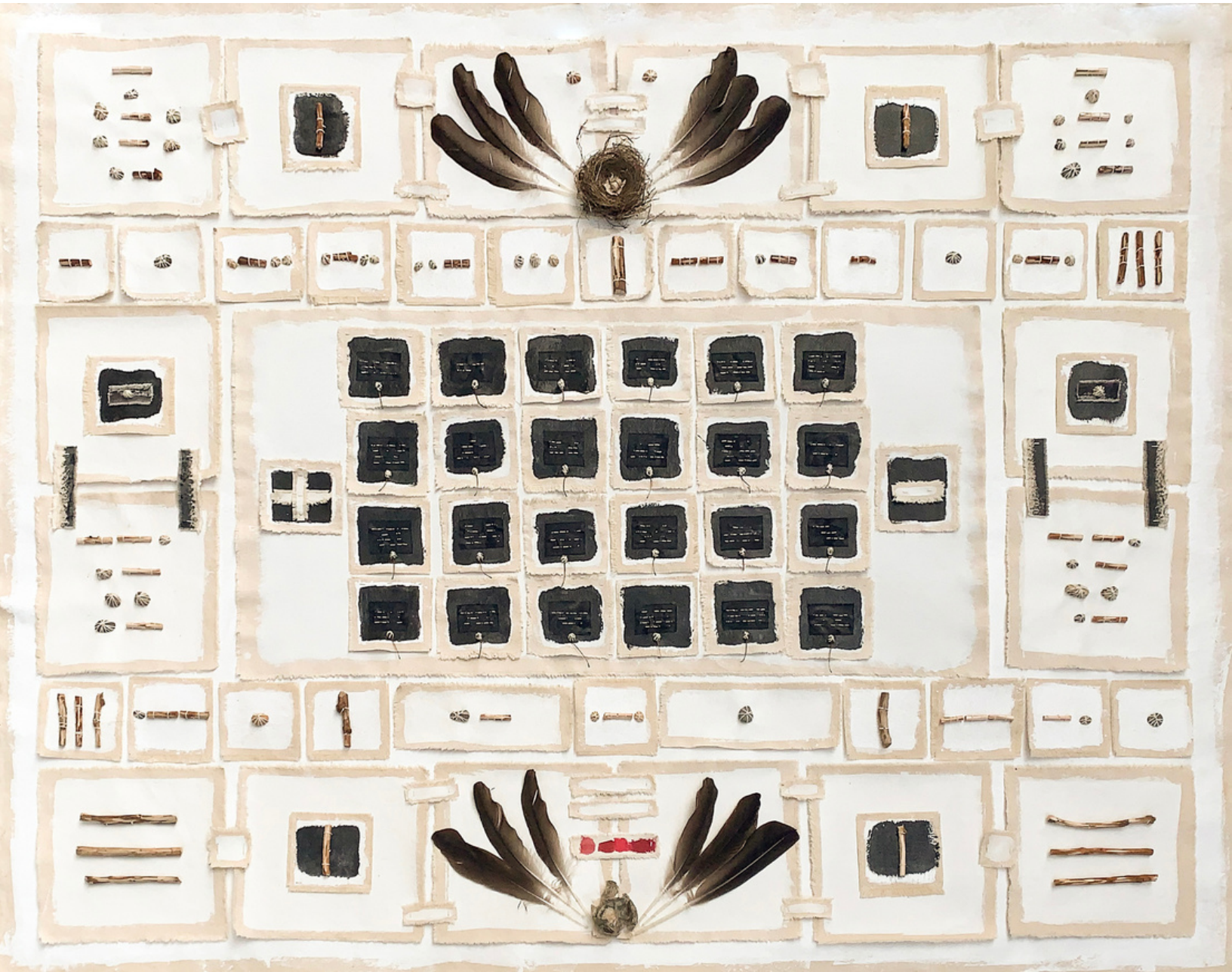
MONIQUE ALLAIN

Nasci em São Paulo de pai francês e mãe mexicana. Mudei-me para NY em 2018 e desde março de 2020 moro em North Salem NY. Inicialmente estudei Biologia e trabalhei como consultora ambiental para o "Fundo Terra Capital", pioneiro no mundo com foco na preservação da biodiversidade. Sou Bacharel e Mestre em Artes Visuais, certificada pela International Feldenkrais Foundation, e fiz residência artística na Cité Internationale des Arts (Paris). Meu trabalho é multidisciplinar, experimental e processual. O assunto é identidade e sua relação com o espaço, o tempo e a alteridade. Mudanças climáticas, desequilíbrio social e a degradação crescente dos recursos naturais são questões que me motivam a produzir situações de recolhimento (auto conexões), situações de conexão com o espaço e situações de conexão com o "outro". Realizo performances, instalações e intervenções com vídeo, fotografia, pintura e técnicas mistas.

Meu trabalho foi apresentado em exposições individuais e coletivas, em museus, galerias e espaços públicos no Brasil e no exterior. Faz parte do acervo permanente das seguintes instituições: MAB, Espaço Cultural dos Correios, Palácio 9 de Julho e Fundação Benetton.

ARQUEOLOGIA DE UM ESPAÇO & TEMPO LIMINAR

Monique Allain



ARQUEOLOGIA DE UM ESPAÇO & TEMPO LIMINAR

Como prestar uma homenagem à terra e criar raízes em um chão que não reconhecemos mais? Objetos encontrados na natureza ao meu redor são costurados em retalhos de tela para compor palavras e frases em código Morse. Brinquei com essa linguagem analógica durante a infância. Reencontro meu passado utilizando-a neste projeto. É uma forma de ancorar. As memórias nos lembram quem somos, de onde viemos e nos permitem visualizar a direção que queremos tomar. Todos estes retalhos, por sua vez, são reunidos para formar uma série de bandeiras e manifestos da nossa morada, GAIA. Esses fragmentos da existência diária constituem uma ARQUEOLOGIA DE UM ESPAÇO & TEMPO LIMINAL.

NELIA LUCIA FONSECA

Nasci em Belém do Pará, me interesso por Arte, História e Ensino/Aprendizagem de Arte, sou doutoranda em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES-UFPA). Membro dos Grupos de Pesquisa: Arte, Memória e Acervos na Amazônia/UFPA(CNPq); Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas/UFMG(CNPq). Mestra em Educação, Cultura e Comunicação pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FEBF-UERJ), Especialização em Educação, Cultura e Organização Social pelo Instituto de Ciências da Educação/UFPA e Graduação em Educação Artística - habilitação Desenho pela União das Escolas Superiores do Pará (1991). Professora de Arte da Fundação Escola Bosque Centro de Referência em Educação Ambiental Prof. Eidorfe Moreira. Associada à Federação dos Arte/Educadores do Brasil/FAEB. nelialucia@yahoo.com.br

BUCOVISKA NA RELVA

Nelia lucia Fonseca

BUCOVISKA NA RELVA

Bucowiska na relva" trata-se de um registro fotográfico da gatinha Bucowiska na relva alta do pequeno espaço de jardim. Ela brinca sozinha com um olhar atento e tranquilo, sem medo de ameaças. Os gatos são animais que, por toda história da humanidade, foram companhia dos humanos (remetendo ao Egito e outros povos da Antiguidade). Sendo elegantes, curiosos e carinhosos, foram fundamental companhia para muitas pessoas no momento de isolamento da pandemia de covid-19.
Animais domésticos trazem esperança e alegria, tê-los perto e poder acariciá-los manteve a saúde mental e emocional de muitas pessoas neste período conturbado. Sua companhia é associada à diminuição do estresse, da depressão e/ou o aumento da auto-estima. Faz-se importante o debate em torno da convivência com estes seres, a fuga da solidão nos grandes centros urbanos pode ser uma importante reflexão contemporânea. Além disso, mostra o quando precisamos da natureza na nossa vida cotidiana, afinal a natureza não está separada da cidade, ela não é apenas a natureza selvagem, a natureza é o que nos rodeia, é o que está próximo, não à toa as fotos de gatos são as mais buscadas na internet, pois trazem momento de descontração e tranquilidade. Assim, os gatos podem ser salvaguardas do caos das grandes cidades ou apontar estiramentos do nosso contexto histórico.

RACHEL ALINE HIDALGO MUNHOZ

Sou paulista de Santos, formada em Jornalismo, atualmente, cursando licenciatura em Artes Visuais, mestre em Educação Ambiental e doutoranda no mesmo programa (PPGEA/FURG/CNPq). Com amigos/as, venho trabalhando por meio da produtora independente Preamar - Audiovisual e Design, além disso, faço parte do Noise Coletivo - grupo de produção audiovisual independente da Baixada Santista e do Grupo Vozes, recém criado em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) que aborda a legitimação das vozes das mulheres na Educação Ambiental; e do grupo de pesquisa Ribombo, este último sobre pesquisas voltadas às zonas costeiras. Junto a esses diferentes grupos, desenvolvo trabalho por meio do suporte audiovisual e fotográfico sobre o tema socioambiental.

EU SOU PESCADORA

Filme 26'27"

Rachel Aline Hidalgo Munhoz

EU SOU PESCADORA

O filme apresenta mulheres do litoral carioca e riograndino que atuam na cadeia produtiva da pesca, seus enfrentamentos na participação política relacionada ao seu ofício, a necessidade de reconhecimento entre seus pares e nas esferas institucionais, e outras discussões apontadas por pesquisadoras que acompanham o conflito existente nas populações pesqueiras artesanais.

ROSANA TAGLIARI BORTOLIN

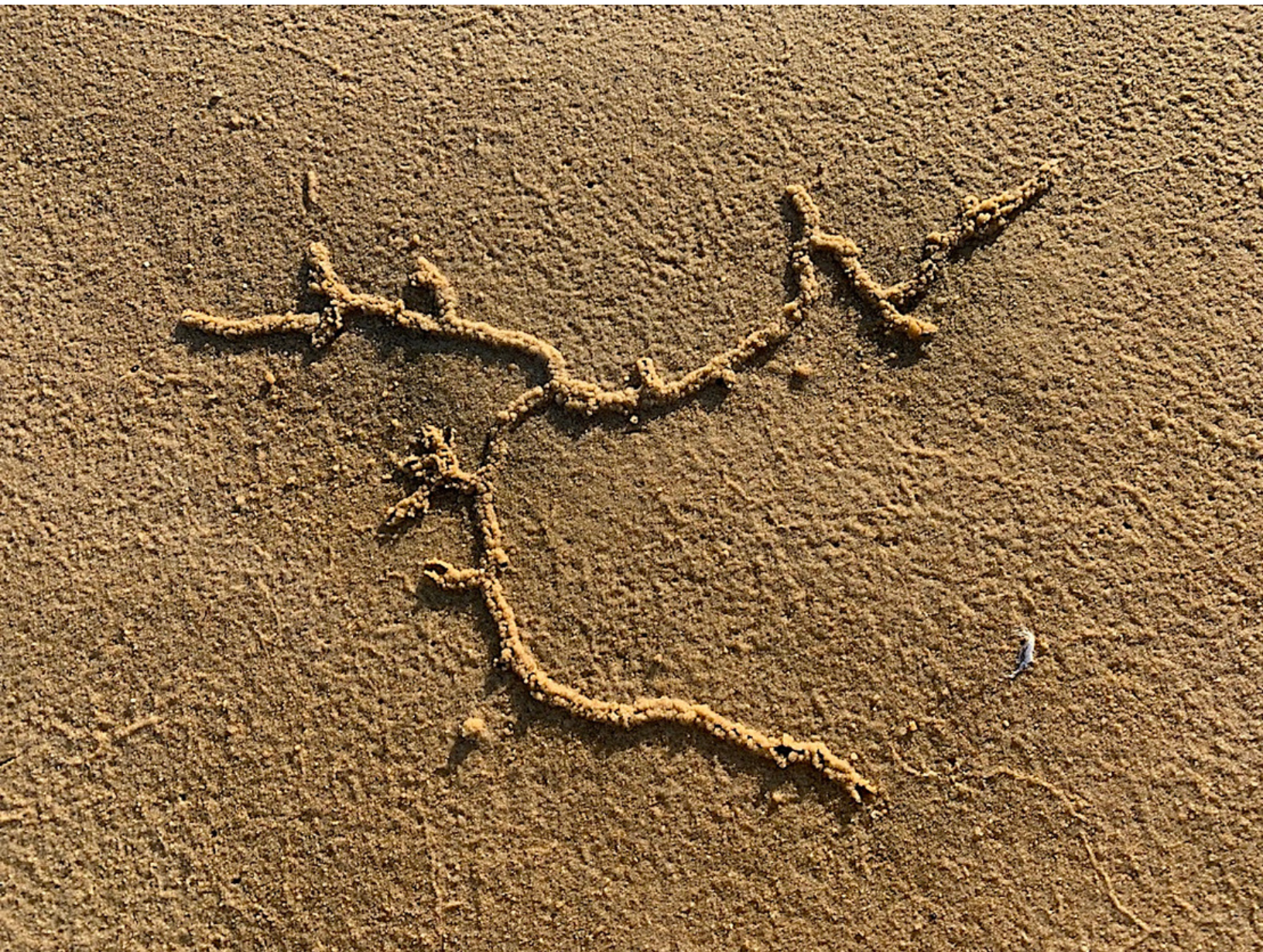
Rosana Bortolin, nasceu em 1964, em Passo Fundo/RS, é artista visual, professora, extensionista e pesquisadora (Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas) do DAV/CEART/UDESC. Coordena o Laboratório Institucional de Cerâmica -LIC. Coordena o Programa de Extensão Universitária NUPEART Pro...move e participa do Programa de Extensão Ações Poéticas. Coordena o Espaço Oficina - Galeria Estúdio. Reside e trabalha em Florianópolis, SC, desde 1992.

Licenciada e Bacharel em Desenho e Plástica; e, Especialista em Cerâmica (Latu Sensu) pela Universidade de Passo Fundo/RS, com a monografia "Oleiros: profissão em extinção"; Mestre em Poéticas Visuais (Strictu Sensu) pela Escola de Comunicação e Artes - ECA/USP, com a Dissertação "Ninho, casa e corpo"; Doutoranda em Investigación y Creación en Arte Contemporâneo, na Universidade do País Vasco-UPV; realiza estágio de doutoramento europeu na FBAUL-Lisboa, onde pesquisa as artistas Ana Mendieta e Celeida Tostes e as relações da vida e obra das artistas, a partir do viés feminista com sua própria poética. Possui obras em acervos de Museus no Brasil, Argentina, China, Cuba, Espanha, Eslovênia, Itália, Letônia, Lituânia, México, Portugal, Rússia, República Dominicana, Turquia, Ucrânia, entre outros. Possui 34 exposições individuais em espaços institucionais e mais de cem exposições coletivas incluindo bienais e simpósios e residências artísticas, nacionais e internacionais. Conquistou sete prêmios ao longo de sua carreira e expõe regularmente desde 1984. Realiza micro intervenções pelos lugares por onde anda.

Desenvolveu as Séries Artísticas Ovóides, Guardiões, Alguidares, Habitar Ninhos, Profano-Sagrado e Organismos. A pesquisa poética da artista permeia o universo feminino. A fecundação, inerente ao tema, acompanha o processo de criação. São observados os fatos que acontecem ao entorno e os mesmos são utilizados para fomentar o imaginário e as criações. Em 1999, em sua casa, percebe pássaros e vespas construindo seus ninhos e casulos. O método de construção a fascina, e logo desenvolve a técnica de modelagem, utilizando a ponta dos dedos, para acomodar camadas sobrepostas de argila, onde, a textura é que determina a forma. A pesquisa sobre o assunto, pode ser conferida na série "Habitar Ninhos" e na dissertação "Ninho, Casa e Corpo"

CARTOGRAFIA DA SECA

Rosana Bertolin



CARTOGRAFIA DA SECA

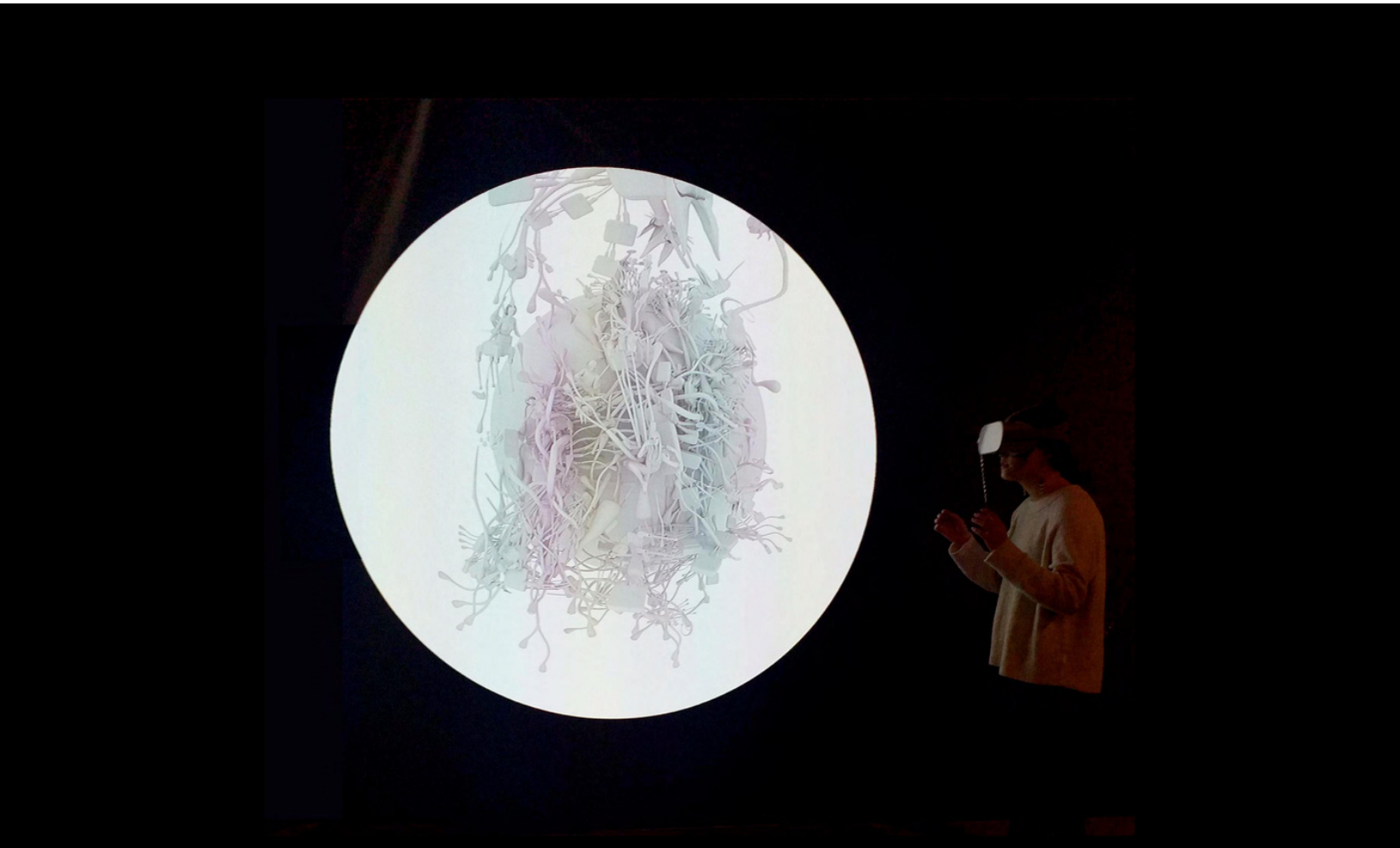
O trabalho “Cartografia da Seca”, é uma Fotografia de cartografia realizada por algum animal, nas areias da Lagoa do Peri, em Florianópolis, Santa Catarina. A imagem foi captada no período de alerta de baixo nível de água da lagoa, a qual está inserida na Reserva Municipal do Parque da Lagoa do Peri. Houve um escândalo, que resultou em denúncia de agressão ao meio ambiente, contra a empresa de saneamento do Estado de Santa Catarina, CASAN. A empresa retirava água de forma abusiva, não respeitando os limites permitidos pelo acordo firmado entre os órgãos municipais, e colocou em risco a contaminação da água doce da lagoa, pela água do mar, devido à diferença de densidade e proximidade de ambas.
A empresa explora gratuitamente a natureza com a excessiva retirada de água doce da Lagoa, e a comercializa para os cidadãos, cafetinando a natureza, como diria Suely Rolnik, usufruindo da força vital da Lagoa.
O trabalho foi pensado como um alerta para o abuso dos seres humanos sobre a natureza, nossa mãe terra. Atitudes inconsequentes que condenam à morte uma quantidade enorme de vidas imperceptíveis que ali vivem.

SANDRINE DEUMIER

Sandrine Deumier is a French artist working in the field of performance, poetry and video art whose work investigates post-futurist themes through the development of aesthetic forms related to digital imaginaries.

REALNESS - CLOUD AND DUST

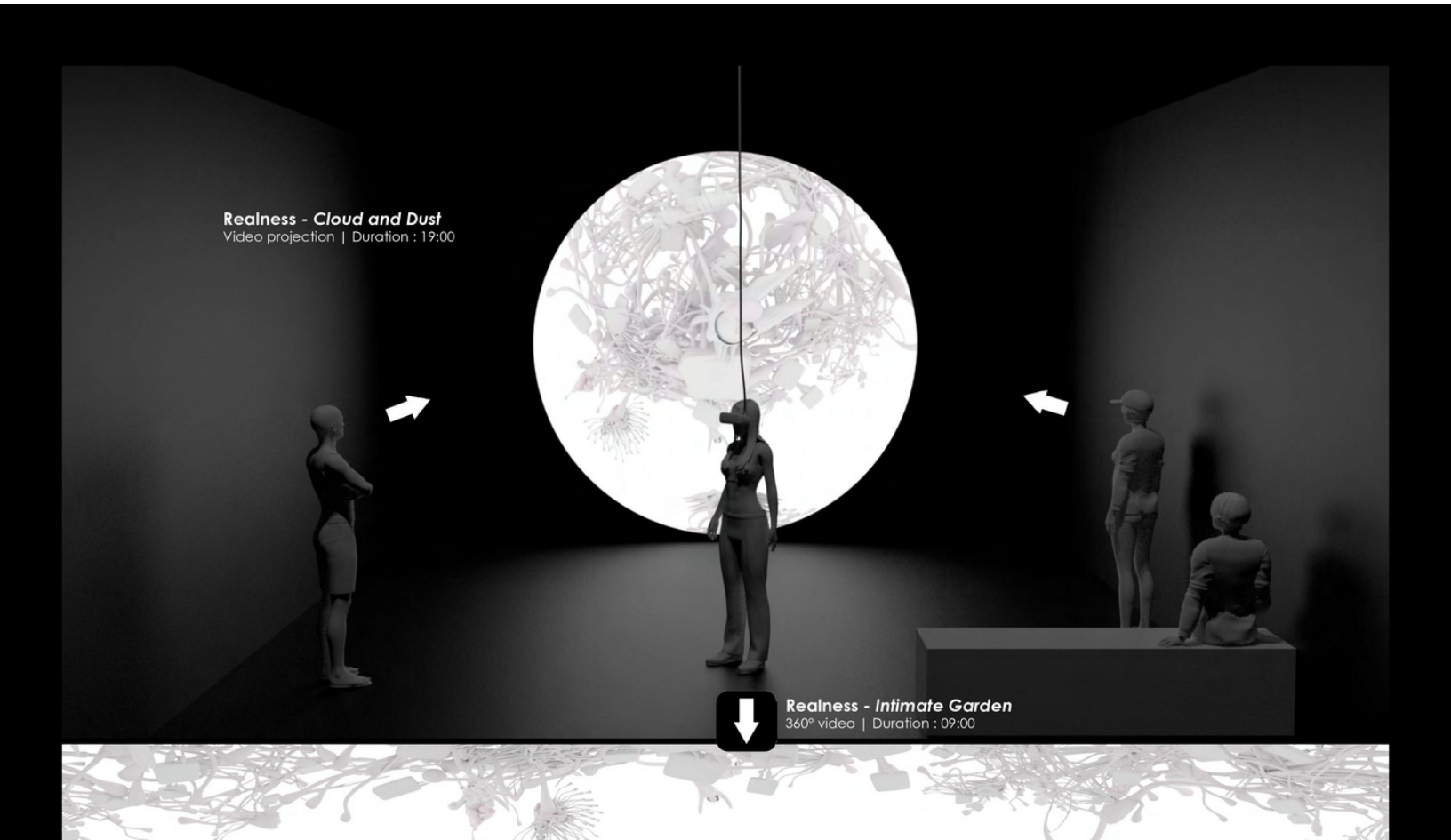
Sandrine Deumier



Meta.Morf X – Digital Wild, Trondheim Electronic Arts Centre
(Trondheim, Norway) 2020

REALNESS - CLOUD AND DUST

Sensory immersion in a cybernetic garden, Realness - Cloud and Dust is the virtual fantasy of a symbiosis between the human being and his natural environment. At the interstices of an artificial nature and a renatured humanity (artificially reconnected to a prefabricated natural world), these landscapes neither human nor non-human are a dive into a possible identification to a mutant nature.



SANDRO DRUMOND

Licenciado em Artes Visuais pela UFPE no ano de 2016. É integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário do PPGAV - UFPE/UFPB. Possui interesse na área de Artes Visuais; Diversidade Étnica/Cultural; Cultura Visual; Antropologia e Religião; Teoria do Imaginário e Ensino de Ciências. Atualmente é graduando na Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRPE, com previsão de término em 2022.

ERÊMITAR - VESTINDO AS MEMÓRIAS DAS ÁGUAS PESADAS

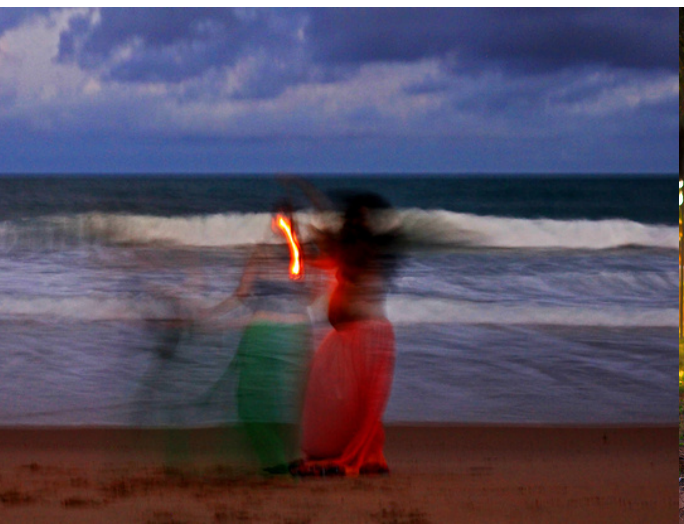
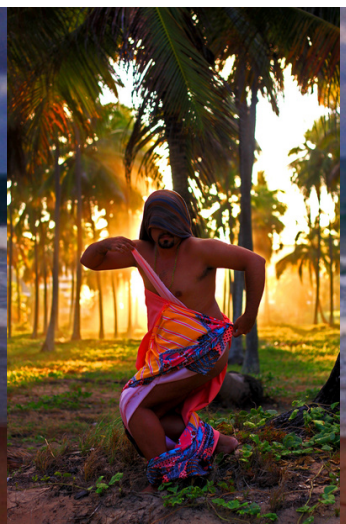
Sandro Drumond

ERÊMITAR - VESTINDO AS MEMÓRIAS DAS ÁGUAS PESADAS

A proposta "ErêMitar – Vestindo as memórias das águas pesadas" é um desdobramento da fotoperformance "ErêMitar" realizado em Junho de 2019 e Outubro de 2020. Diante de vários enfrentamentos vividos durante os anos de 2016 e 2018 referentes à depressão; a incertezas profissionais, amorosas e familiares, resolvi elaborar reflexões que buscassem ser uma reação diante dos sentimentos de frustração e das experiências de morte, aqui entendida como sinônimo de "falecimento físico", "violência", "processo de ruptura", "esvaziamento" e "invisibilidade". Logo, a ação performática questionava "como andar doravante a morte?". Ampliando os sentidos, tal verbo não só significa "deslocar", mas também "estar" e "comportar-se de uma maneira" de modo que a intenção era que o performer executasse uma ação de caminhar a fim de que a cada passo dado, elaborasse e refletisse sobre seu estado de presença (ou não-presença) e as ações criadas/ condicionadas/ projetadas durante o trajeto.

Em duas praias, a de Boa Viagem e do Paiva, com incidência de mortes de banhistas por ataques de tubarões, caminhei sustentando uma lamparina vermelha enquanto que tecidos cobriam meus olhos e esvoaçavam a partir do contato com o vento. A ação lenta, sempre com a lamparina frente à face tinha como obrigatoriedade a interação com o vento, pois era o coeficiente fora de controle que direcionava as reações que as peças têxteis teriam em meu corpo.

Especificamente, no segundo ato "Vestindo as memórias das águas pesadas" (2020), a saia foi um elemento basilar. Construída de maneira colaborativa com outra artista, uniu-se tecidos de matizes rosa com estampas provenientes de outras peças do vestuário da minha avó falecida em agosto de 2020. Após sua morte, percebi que suas roupas tinham um padrão: eram quase sempre compostas por estampas com imagens de pelugem ou de outras partes do corpo de animais. Resolvi unir alguns desses fragmentos no novo traje fazendo um paralelo simbólico entre a produção de memória com a costura.

ERÊMITAR - VESTINDO AS MEMÓRIAS DAS ÁGUAS PESADAS

Se memória é uma construção social configurada em uma narrativa na qual elementos selecionados são concebidos como os mais importantes diante daqueles que constroem seu enredo; no momento que escolho algumas estampas para serem aplicadas na saia, narro outros sentidos ao que esses retalhos tinham quando pertenciam as vestimentas de minha ancestral. Isso só foi possível porque a morte foi determinante no processo, pois sem ela, tais trajes ainda não pertenceriam a mim, impossibilitando a ressignificação. Portanto, estou fazendo memória com/de sua morte. As cores, por exemplo, contribuíram nessa composição. O rosa (da saia), o vermelho (da lamparina) e o marrom (do tecido que cobre meu rosto) fazem referência ao orixá Oyá. Esse ente, meu segundo orixá, comanda os ventos e as águas tumultuosas, pesadas e profundas, além de guiar os mortos no plano metafísico. Em um isomorfismo de imagens, a qualidade das águas presentes nessas praias (tumultuosas e profundas) e o vento são signos confluentes a morte. Entretanto, a completude não encerra no artefato indumentário, pois para aprofundar sobre a questão inicial é preciso vestir as suas memórias. Ou seja, ao trajar a saia (lê-se as memórias da morte de minha avó/ das águas pesadas) e performar no ErêMitar, é quando a obra se potencializa já que é quando se reflete sobre os comportamentos e qual estado de presença diante disso. "Vestir" tem como sinônimos "aceitar" e "envolver". Ninguém veste uma roupa para sempre, indicando que todo "vestir" é passageiro e cíclico. É assim que venho elaborando sobre a morte: um estágio momentâneo de estar. Mas, enquanto que o seu trânsito ainda não acabou, sigo me questionando "como andar doravante?".

SARA DE MELO
E FELIPE VERNIZZI

Sara de Melo. É poeta, artista e bióloga. Doutoranda em Linguagem e Arte em Educação pela Unicamp. Graduada em Ciências Biológicas (UFSC) e licenciada em Letras (UCB). Foi professora da UnB e UFSC. É autora do livro Essa casa feita de palavras (Voamundo, 2020) que reúne poemas e monotipias botânicas. Tem trabalhos publicados em antologias poéticas como Corpo de Terra (Ed. Quelônio) e revistas literárias. Tem participado de coletivos artísticos, residências literárias e oferecido oficinas de escrita. Participou do Curso Livre de Formação de Escritores da Casa das Rosas (Clipe Poesia e Prosa), São Paulo, nos anos de 2020 e 2021.

Felipe Vernizzi trabalha com fotografia e cinema há mais de 15 anos. Na área da fotografia desenvolve ensaios sobre a natureza, exposições pelo país e oficinas para iniciantes. No cinema atua no campo da exibição, produção e formação. Fez parte da equipe da Mostra Latino Americana de Animação em Florianópolis ao longo de oito anos. Dirigiu curtas metragens, documentários e videoclipes, trabalhou em animações e foi diretor de fotografia em várias produções.

ATÉ O VENTO PASSAR

Sara de Melo e Felipe Vernizzi

ATÉ O VENTO PASSAR

A imaginação não é um estado, é a própria existência humana" , como afirma o poeta William Blake. Esse trabalho está relacionado à necessidade da fabulação como modo de resistência em tempos tão difíceis. “ [...] não pela sublimação dos nossos desejos historicamente irrealizáveis, mas pelo impacto que a própria expressão é capaz de produzir sobre a realidade.” (PELLEJERO). A imaginação como refúgio, linha difusa entre sonho e realidade. Uma abertura para novos campos de possíveis. Até o vento passar é um trabalho em parceria entre a poeta Sara de Melo (escrita e voz) e o cineasta Felipe Vernizzi (imagens e edição). Foi criado durante o período de confinamento do ano de 2020.

SÉRGIO HELLE

Nasceu no Crato, Ceará, Brasil. Vive e trabalha em Fortaleza, Ceará. Expôs a primeira vez aos 16 anos, no Salão dos Novos. Em 1988 realizou a primeira de suas quinze mostras individuais. Conta com várias coletivas no Brasil e exterior. Entre suas premiações estão o Prêmio Pintura da XII Unifor Plástica, e Prêmio Gravura do 52° Salão de Abril.
Desenvolve um trabalho em que mescla as mais novas ferramentas digitais com tradicionais técnicas de desenho e pintura. Foi um dos primeiros artistas cearenses a utilizar o computador como ferramenta artística, tendo realizado, ainda em 1995, sua primeira exposição em que participou com infogravuras. Com a mostra Paixão, ganhou o Prêmio Gravura do Salão de Abril, em 2001. Sobre ela, registra Herbert Rolim, no livro Salão de Abril – De casa para o mundo do mundo para casa: "Foi o primeiro caso de infogravura, que aparece nos registros do Salão de Abril, reconhecido como categoria." Com esse trabalho, o artista foi convidado pela curadora Leonor Amarante para participar da III Bienal do Mercosul, naquele mesmo ano.

RESURGENTIS

Sergio Helle

RESURGENTIS

Em um cenário de terra arrasada em que vivemos, seja no aspecto emocional, político, econômico ou ecológico, nunca foi tão importante falar em resistência. A força da vida nunca foi tão essencial. Que o medo do futuro não nos tire a capacidade de renascer das cinzas. RESURGENTIS é uma série de trabalhos que fala disso, do renascimento, da força da vida que teima em resistir; em renascer. As imagens, quase fotográficas, são como um registro fictício de uma natureza que se regenera e se renova; resignificando o seco, a morte, como uma representação da esperança e renovação, com a vida encontrando sua forma de resistir, ocupando seus espaços e se impondo. A finitude humana, a inevitabilidade da morte, são desafiadas por uma eterna evolução em um flerte de esperança na vida eterna.

STEPH LOTUS

Steph Lotus é descendente indígena brasileira do interior de Pernambuco. Atua como artista visual e fotógrafa na pesquisa em arte e educação. Procura por vida poética Infravisual na invenção de novos modos de ler e escrever com a vida. Mestre em Educação pela linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação da FACED - Faculdade de Educação da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da mesma instituição. Em sua biopoética mistura peles humanas e não humanas, macerando-as em pleno Sol do meio dia.

ALTERRETRATO

Steph Lotus

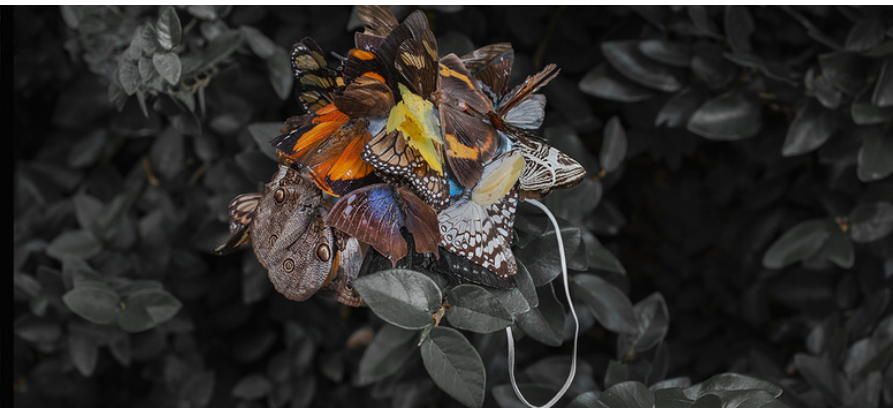
ALTERRETRATO

Neste trabalho experimento uma imersão no contexto atual de pandemia através da possibilidade de alteridade de real. Investigo, a partir da atividade do autorretrato fotográfico, a invenção da palavra alterretrato - a fim de desdobrar o conceito de autorretrato. Ou seja, abrindo a palavra de uma concepção individual para uma espécie de coletividade. Assim, questiono relações entre ser e estar na condição de humana e de não-humana. Questões sensíveis pela via da imaginação na biopoética.

A figura da máscara de proteção torna-se uma espécie de moda; uma nova roupa; uma nova camada de pele sobre a pele atmosférica do corpo e do mundo. Desta forma, encontro com o pensamento filosófico de Emanuele Coccia, nos livros: A vida das plantas (2018) e Metamorphoses (2019), misturado ao pensamento indígena de Ailton Krenak em: A vida é selvagem (2020). Eles afirmam que a vida é algo que nos atravessa e que esse algo é selvagem. Em vista disso pergunto-me: Que metamorfoses podemos causar ao vestir uma máscara de borboletas?

Com essa natureza não humana da mimese, [assim como faz a borboleta Atlas, trasmudando suas asas em espelhos protetores contra seus predadores] o processo artístico cenográfico em questão se abre em produção de alteridade de real. E, com efeito, o conceito de autorretrato se transmuda em alterretrato. Pois, um novo corpo fotográfico se mostra por uma biopoiese. Desse lugar, a experiência fotográfica é repensada pelo enxerto bios-zoé (corpo-mente), onde, em proveito de experimentações biopoéticas, um não pode estar arrancado do outro. Para além de uma representação de metamorfose não humana, apresenta-se, em língua fotográfica, uma espécie humana não-humana que pratica então uma natureza de mimese invertida ou um alterretrato.

COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Tradução de Fernando Scheibe. Desterro [Florianopólis]: Cultura e Barbárie, 2018.
COCCIA, Emanuele. Métamorphoses. Éditions Payot & Rivages, Paris, 2020.
KRENAK. Ailton. A vida é selvagem. Caderno Selvagem. Dantes editora. Rio de Janeiro Biosfera, 2020.



XUANLIN WANG

Xuanlynn Wang (1994) was born in Taiwan and holds an M.F.A at the Royal Academy of Fine Art in Antwerp, Belgium, where she currently resides after graduating in 2020. She is an artist, performer, photographer, and material creator. Before she developed Bio-system, she was deeply inspired by the essential aesthetics of environmental art which aroused her experimentation with the concept of natural materials. During her fashion design studies, she realized that there was more waste being created from art than what was actually being used in the final product.
Thus, the aim of making natural materials is to question the balance between our natural environment and art and to begin a discussion of the relationship between the human body and the consequences of our environmental issues. Therefore, her artwork is focused on integrating and combining the natural environment, which is represented by the materials, with the body and captured by photography for projecting a new perspective between these art forms to create a new language of visual art. Her endeavour is to create the artworks in the context of climate activism for public environmental awareness. Using the physical body as a representation of our direct connection to the natural environment and the materials found in nature as a medium for art. A symbiosis of the individual, the natural environment, and the self-need to express ourselves through artistic creations.
Bio-system is a circular ecological system with 100% environmentally friendly resources and materials but without causing any pollutants. The ingredients of the materials are connected by water from the natural environment and it can return back into nature, like a natural ecological cycle. “Temporary” is the essence and belief of the Bio-system to present beauty in the way of ephemeral instead of perennial.

BIO-SYSTEM

XuanLin Wang

BIO-SYSTEM

The concept idea came from the one-time waste problem in this generation especially in the theatre, movie, commercial advertising, and performance art. Most of the performances create a one-time show and then discard the creation which makes it become the waste ultimately. The great majority of waste will stay longer than the essential of the performance, the fact of the situation is now just water under the bridge. As an artist, we create stuff to present the beauty from our imagination and fantastic which to achieve the perspective of art. However, the environment is always the topic that we left behind, the art and the environment have already lost balance for a long time. When the question keeps blocking my creation, I start to dig the core issue and realize the question could be solved by the material.
Bio-system is a material system created by Xuanlin Wang. In this system, all the resources and materials are 100% environment friendly and without any pollution problem. The ingredient of the materials are always came from the natural and it could return into the nature, like a natural ecological cycle. The water became a connection element in between with nature and material. All of material made from this system could be dissloved into the water. “Temporary” is the essence and belief in bio-system.

Para acessar a exposição on-line
(Clique aqui)
ou
utilize o Qr code

Siga-nos no Instagram: @artenaturezapesquisa
E-mail: artenatureza2020@gmail.com